



**LSPA**

INSTITUTO UNIVERSITÁRIO  
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

**Técnicas de Entrevista Forense: Comparação da  
Eficácia da *Self-Administered Interview* e da  
Recuperação por Categorias**

Débora Sofia Louro Paixão

**Orientador de Dissertação**

Professora Doutora Telma Sousa Almeida

**Professor de Seminário de Dissertação**

Professora Doutora Telma Sousa Almeida

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

Mestre em Psicologia

Especialidade em Psicologia Clínica

2019

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação da  
Prof. Dr.<sup>a</sup> Telma Sousa Almeida apresentada no ISPA  
– Instituto Universitário  
para obtenção de grau de Mestre na especialidade  
de Psicologia Clínica

## **Agradecimentos**

Com o chegar desta fase, não poderia deixar de agradecer a algumas pessoas que fizeram parte deste percurso, seja académico ou pessoal.

Queria começar por agradecer à Prof. Dr<sup>a</sup>. Telma Sousa Almeida pela sua orientação nas aulas, por todo o apoio, por todos os atendimentos em que discutimos ideias, pelo tempo despendido nesta dissertação, quer seja presencialmente ou por e-mails e por todas as sugestões que me foi dando ao longo dos meses. Ainda que tenha sido um ano com muitos imprevistos, não tenho dúvidas que fizemos desta dissertação o melhor que ambas podíamos ter feito.

Às minhas colegas do seminário de Dissertação por terem partilhado este caminho comigo e todas as experiências boas e menos boas por que passamos mas de, de certo, nos fizeram crescer. Queria agradecer, especialmente, à Sara por todas as chamadas e por todas as vezes que reunimos para nos ajudarmos mutuamente.

A todas as pessoas que participaram neste estudo, que despenderam do seu tempo para as entrevistas, por todo o empenho e por tornarem este projecto possível.

À minha família por todo o apoio e carinho ao longo desta fase, em especial aos meus pais, Alice e João, por permitirem que este sonho se tornasse possível e por acreditarem sempre em mim e aos meus primos, Bárbara, João Paulo e Luís, por serem os irmãos que nunca tive e que eu escolhi.

Aos meus amigos da faculdade, que partilharam desde o primeiro dia (ou quase) este percurso comigo, por todas as vezes que nos juntámos quer para discutir ideias quer para descontrair. Um obrigado por todo o apoio mútuo deste grupinho maravilhoso que criámos, mantivemos até aqui e que havemos de manter, por todo o amor e cumplicidade: Alexandre, Sara, Filipa, Tomás e Manuel.

À Joana, por ser a melhor amiga que se pode ter, por estar lá para mim quando tudo parecia correr mal e por nunca me deixar sem uma palavra de conforto. Até sermos velhinhas.

Ao Alexandre, por estar comigo desde o primeiro dia, por partilhar comigo estes cinco anos de altos e baixos, por acreditar sempre que iria conseguir e por me descer sempre os pés à terra sempre. Nada teria sido igual sem ti e agradeço todos os dias que os nossos caminhos se tenham cruzado, sou mais feliz contigo.

A todos vós, do fundo do coração, um obrigada!

“The goal is not to be better than other man, but to be better than you previous self”

Dalai Lama

## **Resumo**

Têm sido notáveis os esforços, por parte dos investigadores, no sentido de aumentar a quantidade e qualidade dos relatos de testemunhas oculares de crimes, sendo estes fundamentais na resolução das investigações policiais. Este estudo vem, por isso, procurar comparar a eficácia de duas técnicas de entrevista investigativa: a *Self-Administered Interview* (SAI) e a Recuperação por Categorias (RC).

Para isto, foram selecionados quarenta participantes com idades compreendidas entre os 18 e os 30 anos. Todos os participantes visualizaram um vídeo com a simulação de um evento crime e foram entrevistados acerca do mesmo, cerca de uma hora depois da visualização do vídeo, através do protocolo da SAI ou da RC, dependendo do grupo a que cada participante pertencia.

Os nossos resultados evidenciaram que participantes entrevistados através da SAI relataram um maior número de detalhes sobre a categoria de informação “pessoas”, comparativamente ao grupo RC, não comprometendo a precisão da mesma. Não foram encontradas outras diferenças significativas, pelo que ambas as técnicas parecem revelar-se igualmente eficazes.

**Palavras-chave:** Investigação forense; Testemunhas Oculares; *Self-Administered Interview*; Recuperação por Categorias.

## **Abstract**

Researchers all over the world have been trying to improve the way eyewitnesses are interviewed in forensic contexts, because their testimonies are often crucial to the resolution of a crime investigation. There have been a great amount of studies exploring the efficacy of different interview techniques, in order to assure interviewers, retrieve more and more accurate information from adult witnesses. The present study compared the effectiveness of two techniques used by investigative interviewers: *Self-Administered Interview* (SAI) and Cluster Recall (CR).

For this purpose, forty 18 to 30 years old participants were selected. All participants watched a video about a staged crime and were interviewed about it, approximately one hour later, either with the SAI protocol or the CR protocol, depending on the group each participant was assigned to.

Our findings showed that participants interviewed with the SAI recalled more information about the category “people” than participants interviewed with the CR, without compromising the accuracy of this information. There were no other significant differences, thus both techniques seem to be equally effective.

**Key- Words:** Forensic Interview; Eyewitness Testimony; *Self-Administered Interview*; Cluster Recall.

## Índice

<b>Capítulo 1</b> .....	<b>1</b>
Introdução.....	1
Entrevistas de Testemunhas .....	2
Entrevista Cognitiva e Entrevista Cognitiva Melhorada.....	3
Recuperação por Categorias .....	8
Self-Administered Interview .....	9
A Influência da Atenção na Recuperação de Memória.....	11
O Presente Estudo .....	12
<b>Capítulo 2</b> .....	<b>14</b>
Método .....	14
Amostra .....	14
Materiais e Procedimento.....	14
Consentimento Informado .....	14
Evento a ser Recordado.....	14
Instrumentos .....	15
Entrevistas .....	16
Codificação de Dados .....	17
Fiabilidade Inter-Cotadores.....	18
Delineamento do Estudo .....	18
<b>Capítulo 3</b> .....	<b>19</b>
Resultados .....	19
Plano de Análise .....	19
Principais Resultados .....	19
Outros Resultados .....	22
<b>Capítulo 4</b> .....	<b>24</b>
Discussão.....	24
Limitações e Sugestões de Futuras Investigações .....	29
<b>Referências</b> .....	<b>31</b>
<b>Anexos</b> .....	<b>35</b>
Anexo 1- Consentimento Informado .....	36
Anexo 2- Escala Verbal de Inteligência para adultos de Wechsler (WAIS-III).....	39
Anexo 3- Teste de Atenção Toulouse-Piéron .....	46

Anexo 4- Protocolo Recuperação por Categorias .....	48
Anexo 5- Self-Administered Interview .....	50
Anexo 6- Codificação de Dados .....	59
Anexo 7- Codificação de Dados .....	60

## **Lista de Tabelas**

<b>Tabela 1-</b> Categorias de Informação Relatada (Médias e Desvios Padrão) em cada grupo (RC e SAI).....	<b>20</b>
<b>Tabela 2-</b> Categorias de Informação Relatada (Médias e Desvios Padrão) em cada grupo (RC e SAI).....	<b>20</b>
<b>Tabela 3-</b> Categorias de Informação Relatada (Médias e Desvios Padrão) em cada grupo (Feminino e Masculino).....	<b>21</b>
<b>Tabela 4-</b> Categorias de Informação Relatada (Médias e Desvios Padrão) em cada grupo (Feminino e Masculino).....	<b>22</b>
<b>Tabela 5-</b> Correlações entre as categorias de detalhes e o QIV e PR.....	<b>22</b>
<b>Tabela 6-</b> Correlações entre as categorias de detalhes, os índices de Atenção e o QIV.....	<b>23</b>

## Capítulo I

### *Introdução*

Esta dissertação de mestrado está organizada em quatro capítulos principais. No presente capítulo começo por fazer uma breve abordagem histórica relativamente à importância das testemunhas oculares na resolução de casos policiais, bem como da limitada formação das forças policiais na condução de entrevistas a testemunhas. Seguidamente apresento, ainda neste capítulo, algumas ferramentas desenvolvidas com base na evidência científica, nomeadamente: a Entrevista Cognitiva e o seu formato evoluído, a Entrevista Cognitiva Melhorada. Posteriormente, introduzo outros métodos criados, mais recentemente, com o objetivo de aumentar a eficácia da entrevista testemunhal. Finalizo este capítulo com uma breve descrição de como a memória pode ser influenciada pela atenção.

No segundo capítulo, descrevo, detalhadamente, a amostra e as suas características, bem como a metodologia utilizada na recolha dos dados deste estudo. Assim, explico os materiais e procedimento utilizados, nomeadamente os instrumentos, como foram conduzidas as entrevistas e como foram posteriormente codificadas e analisadas.

No terceiro capítulo, apresento um plano de análise de dados, onde descrevo os testes estatísticos utilizados e as razões pelas quais os mesmos foram conduzidos. De seguida, apresento os principais resultados obtidos, relevantes para esta investigação.

No último capítulo, resumo e discuto as principais conclusões deste estudo, derivadas dos resultados relativamente à eficácia dos tipos de entrevista testados e faço uma reflexão acerca das contribuições deste estudo para o conhecimento científico, assim como das suas possíveis implicações para a prática profissional. Concluo este capítulo analisando as limitações deste estudo e apresentando algumas sugestões para investigação futura.

## *Entrevista de Testemunhas*

Décadas de investigação têm enfatizado a importância da recolha adequada e rigorosa de testemunhos. Já na década de setenta, a Rand Corporation (1975), uma instituição sem fins lucrativos americana cujo objetivo consiste em impulsionar e promover, através da investigação científica, mudanças políticas e contribuir para tomadas de decisão judicial mais informadas, referia que o principal determinante para a resolução de um caso criminal é o relato completo e preciso das testemunhas. Apesar disto, vários departamentos policiais Americanos revelavam ainda bastantes lacunas ao nível da formação de novos investigadores (Rand Corporation, 1975).

Regra geral, estes investigadores da polícia observavam os seus superiores e adotavam as mesmas técnicas ou então aprendiam por tentativa e erro (Fisher, McCauley, & Geiselman, 1994). Geralmente, era-lhes entregue uma lista de provas que estes deveriam reunir sobre o caso em apreço, sendo a entrevista das testemunhas baseada apenas nessa lista e decorrendo sem qualquer orientação sobre como obter uma maior quantidade de informação por parte das testemunhas (Fisher et al., 1994). Desta forma, vários autores acreditavam ser benéfico para todos os envolvidos em processos judiciais que se obtivessem testemunhos mais completos e precisos, uma vez que isto permitiria uma busca mais eficiente dos criminosos, assim como garantiria uma menor probabilidade de pessoas inocentes serem perseguidas pela polícia ou serem condenados injustamente (Fisher et al., 1994).

Atualmente, existe evidência que permite afirmar que grande parte dos crimes é resolvida devido a descrições detalhadas sobre as situações e as pessoas envolvidas nos mesmos, provenientes de relatos de testemunhas e vítimas entrevistadas pela polícia (Fisher & Schreiber, 2017), remetendo novamente para a importância das testemunhas oculares na resolução dos casos. As testemunhas oculares de crimes continuam a ser entendidas como parte central da condução de investigações criminais, sendo que, muitas vezes, as testemunhas são a principal fonte de informação e a única evidência que os investigadores possuem para a condução da investigação (Robinson-Riegler & Robinson-Riegler, 2016).

No entanto, e desde a década de setenta, estudos que demonstram que as declarações das testemunhas são frágeis, alteráveis e incompletas (e.g., Robinson-Riegler & Robinson-Riegler, 2016), salientando a necessidade de se terem em conta as imperfeições da memória humana nos procedimentos de investigação criminal. É crucial conseguir garantir que as informações obtidas são de qualidade e em número suficiente, pois quanto mais informações

de qualidade os investigadores obtiverem, maior será a probabilidade da resolução do crime (Robinson-Riegler & Robinson-Riegler, 2016).

Apesar da importância atribuída às testemunhas oculares na resolução de casos criminais se ter mantido ao longo das décadas, as forças policiais que conduzem entrevistas forenses com testemunhas e vítimas de crimes continuam a receber formação limitada no que concerne a melhores práticas e procedimentos de entrevista investigativa (Dando, Wilcock, & Milne, 2008). Tal como referem Fisher & Schreiber (2017), ainda que as testemunhas tenham um papel fundamental na resolução dos casos, é dada pouca formação às forças policiais no que toca a entrevistas de testemunhas. Para além disto, os autores alertam para o facto de os polícias que conduzem as entrevistas cometerem erros que, por vezes, resultam no relato de menos informação por parte das testemunhas ou no relato de informações incorretas (Fisher & Schreiber, 2017).

A constatação desta dificuldade sentida pelos profissionais do sistema de justiça, impulsionou o desenvolvimento de técnicas de entrevista baseadas na evidência científica, com o objetivo de apoiar os entrevistadores forenses (Robinson-Riegler & Robinson-Riegler, 2016). Assim, e de modo a responder a estas falhas no trabalho policial relativamente à entrevista de testemunhas, Geiselman e colaboradores, (1984) desenvolveram um protocolo de entrevista baseado nos conhecimentos da psicologia cognitiva: a Entrevista Cognitiva.

### ***Entrevista Cognitiva e Entrevista Cognitiva Melhorada***

A Entrevista Cognitiva foi desenvolvida com base em dois princípios da memória: 1) existe uma relação entre a eficácia das pistas fornecidas pelo entrevistador e a quantidade de características que a testemunha é capaz de relatar sobre um acontecimento (Flexser & Tulving, 1978; Tulving & Thomson, 1973) e 2) podem existir diferentes caminhos para se chegar a determinada informação, ou seja, uma informação pode não ser acedida através de uma pista que o entrevistador forneça à testemunha mas pode ser acedida através de outra (Tulving, 1974). Assente nestes pressupostos, Geiselman et al., (1984) desenvolveram a Entrevista Cognitiva incluindo neste protocolo quatro instruções mnemónicas de recuperação, nomeadamente: o Restabelecimento de Contexto; a técnica de Relatar Tudo; a técnica de Mudança de Perspetiva e a de Mudança de Ordem.

Na mnemónica de Restabelecimento de Contexto é pedido à testemunha que faça uma recriação mental do contexto físico do crime e também do seu próprio estado cognitivo, fisiológico e emocional no momento do evento crime. Segundo Tulving e Thomson (1973), a

memória de determinado acontecimento é recuperada mais facilmente se houver uma recriação do contexto em que o próprio acontecimento ocorreu. Esta técnica consiste, especificamente, em pedir à testemunha que feche os olhos, ou que olhe para um espaço branco na sala, e que pense sobre diferentes momentos do crime. O entrevistador deve prestar atenção á descrição de acontecimentos relevantes feita pela testemunha neste momento inicial para, mais tarde, aceder aos mesmos e, desta forma, obter um relato mais completo (Paulo, Albuquerque, & Bull 2013). Esta técnica é mais exequível do que regressar fisicamente à cena do crime, podendo ser até preferível, uma vez que a cena de determinado crime pode alterar-se ou tornar-se inexistente com o passar do tempo (Geiselman, Fisher, MacKinnon, & Holland, 1986).

Na mnemónica de Relatar Tudo, o entrevistador pede à testemunha que relate tudo o que se conseguir recordar, da forma mais detalhada possível, incluindo informação lhe possa parecer irrelevante (Fisher & Geiselman, 1992). Assim, ao relatar até a informação que considera irrelevante, a testemunha poderá fornecer ao entrevistador detalhes acerca dos acontecimentos sob investigação, que outrora poderia não relatar, que podem determinar o sucesso da investigação policial. Relatar tudo ao mais ínfimo pormenor pode ainda revelar-se benéfico para a investigação, na medida em que ao relatar um detalhe à partida irrelevante, a testemunha pode ativar outras memórias relevantes (Paulo, Albuquerque, & Bull 2014).

Na mnemónica Mudança de Perspetiva, é pedido à testemunha que relate o evento como se o tivesse testemunhado na perspetiva de outra pessoa presente no local do crime (Davis, McMahon, & Greenwood, 2005). Por último, a mnemónica Mudança de Ordem, consiste em pedir à testemunha que relate o crime numa ordem temporal diferente, por norma a ordem inversa (Paulo et al., 2014). Desta forma, detalhes esquecidos podem ser lembrados e, ainda, torna-se possível que a precisão do relato aumente. Ao recordar um acontecimento, a testemunha pode estar já influenciada por conhecimento prévio e por esquemas mentais, isto é, por um padrão organizado de pensamentos e comportamentos acerca dos eventos a relatar. Por isto, é frequente que a testemunha confunda o que viu com uma ideia preconcebida daquele tipo de crime. Recordar o acontecimento noutra ordem minimiza este efeito (Dando & Milne, 2009). O uso desta técnica aumenta a carga cognitiva e, assim, facilita também a deteção de mentiras, uma vez que mentir pode ser uma tarefa cognitivamente exigente e difícil de realizar em simultâneo com outras tarefas exigentes como relatar um evento na ordem inversa (Vrij et al., 2008). Tal como na Mudança de Perspetiva, também na Mudança de ordem, o uso de uma técnica de recuperação diferente pode ativar diferentes memórias (Tulving, 1991).

De modo a obter informações mais específicas no relato da testemunha, podem ser dadas outras instruções no decorrer da entrevista. Estas informações específicas podem estar

relacionadas por exemplo com nomes, números, características do discurso, aparências e conversações. Por exemplo, de modo a ajudar a testemunha a recordar um nome, pode pedir-se que pense sobre se era um nome curto ou comprido, comum ou incomum; para a ajudar a relembrar um número pode pedir-se que pense sobre se era um número par ou ímpar, alto ou baixo. O uso desta técnica incentiva a testemunha a pensar sobre características particulares do acontecimento (Fisher et al., 1994).

Numa meta análise focada em vinte e cinco anos de investigação acerca da Entrevista Cognitiva, Memon, Meissner & Fraser, (2010) demonstraram que a utilização deste protocolo resultava num aumento significativo da quantidade de detalhes corretos e incorretos relatados por parte das testemunhas, quando comparada com os diferentes grupos de controlo. No entanto, o número de detalhes incorretos revelava-se inferior ao número de detalhes corretos, quando comparadas as médias. Para além disto, referiram que a entrevista cognitiva produz melhores relatos, quer de adultos quer de idosos do que outros procedimentos de entrevista. Mais recentemente, Fisher & Schreiber, (2017) reportaram, também, que testemunhas entrevistadas com a entrevista cognitiva, relataram entre 35% a 50% mais informação do que testemunhas entrevistadas com outros procedimentos de entrevista policial. Adicionalmente, a precisão da informação relatada através da entrevista cognitiva revelou-se igual ou superior à relatada através da utilização de outros métodos. Ainda, polícias treinados na aplicação da entrevista cognitiva recolheram 63% mais informação do que polícias não treinados para este efeito. Os autores concluem, assim, que existe evidência científica que corrobora a eficácia da entrevista cognitiva em melhorar o relato de testemunhas oculares adultas.

Apesar dos resultados de vários estudos serem indicativos da eficácia da entrevista cognitiva, Fisher e Geiselman (1992) reconhecem que a utilização das mnemónicas incorporadas na entrevista cognitiva, por si só, não se reflete na obtenção de mais informação ou de informação mais precisa, na medida em que este protocolo não contempla uma preocupação com o bem-estar e a cooperação das testemunhas durante a entrevista.

É neste sentido que é desenvolvida a Entrevista Cognitiva Melhorada, de modo a aperfeiçoar quer a recuperação de memória, quer aspetos sociais e de comunicação que não eram considerados anteriormente (McMahon, 2000). Foram adicionados alguns procedimentos ao anterior protocolo, nomeadamente: o estabelecimento de uma relação adequada com a testemunha; a transferência do controlo da entrevista para a testemunha; o questionamento compatível com a testemunha e a visualização mental (Paulo et al., 2013).

A Entrevista Cognitiva Melhorada assenta em dois princípios básicos da memória: 1) a recriação do contexto original aumenta a acessibilidade da informação armazenada (Tulving &

Thomson, 1973). Assim, a testemunha é encorajada a recriar mentalmente o ambiente, bem como o seu estado cognitivo, físico e emocional relativamente ao momento em que o evento foi testemunhado; e 2) a memória é uma rede de associações, sendo possível aceder-lhe por diferentes caminhos (Bower, 1967).

O primeiro procedimento adicionado consiste no estabelecimento de uma relação adequada e positiva com a testemunha, do início ao fim da entrevista. Para tal, o entrevistador deve explicar à testemunha a razão que deu origem à entrevista, deve explicar o que vai acontecer ao longo da mesma e mostrar escuta ativa. Formas de estabelecer esta relação são, por exemplo, tratar a testemunha pelo nome e começar a entrevista abordando questões simples, de modo a diminuir a ansiedade. Este procedimento permite não só que a testemunha se sinta mais confortável no contexto de entrevista, como também aumenta a quantidade de informação obtida (Paulo et al., 2013).

O segundo procedimento, transferência de controlo da entrevista para a testemunha, consiste em informar a testemunha que, apesar da presença e apoio do entrevistador, será ela a responsável por relatar a informação inerente ao acontecimento em questão. O entrevistador deve ainda informar a testemunha que esta tem controlo sobre a informação que comunica, podendo parar quando assim o entender e relatar a informação na ordem que preferir, proporcionando à testemunha maior conforto para relatar o acontecimento. Desta forma, deixa de ser expectável que o entrevistador faça as perguntas e passa a ser papel da testemunha relatar toda a informação disponível. Isto permite um relato mais extenso que, mesmo apresentando informações menos relevantes podem ativar outras informações relevantes que, de outra forma, o entrevistador não teria acesso (Paulo et al., 2013).

O terceiro procedimento, questionamento compatível com a testemunha, tem como objetivo utilizar a informação fornecida pela testemunha para a formulação de novas questões, fazendo assim com que o entrevistador não siga um protocolo de entrevista estruturado. O entrevistador deve evitar a utilização de perguntas fechadas (por exemplo, questões de escolha múltipla ou de resposta sim ou não), pois estas limitam as possibilidades de resposta e podem levar a que a testemunha produza informação errada (Paulo et al., 2013). Poole & Lamb (1998) também demonstraram que a utilização de questões abertas potencia uma narrativa mais livre e facilita múltiplas formas de resposta por parte do entrevistado. Pelo contrário, as questões fechadas tendem a limitar as respostas do entrevistado, fazendo com que este relate menos informação e, ainda, que disponha de menos alternativas de resposta. Orbach & Lamb (2001) referem que, independentemente da idade, das capacidades cognitivas do entrevistado e do tempo que decorre entre o evento e a entrevista, o uso de questões abertas torna mais provável

que o entrevistado relate mais informação correta. Devem ainda ser evitadas perguntas na forma negativa e perguntas complexas passíveis de gerar confusão na testemunha ou de provocar falhas na interpretação (Paulo et al., 2013).

Por último, o procedimento de visualização mental (Dando & Milne, 2009) funciona como o restabelecimento de contexto. No entanto, neste procedimento é solicitado à testemunha que tente recriar na sua mente detalhes mais específicos sobre o evento a ser recordado, ao invés de acontecimentos globais. Por exemplo, o entrevistador pode pedir à testemunha que esta pense sobre o que o ladrão tinha vestido, em vez de lhe pedir que pense sobre a altura em que o assaltante entrou no banco. Esta técnica pode ser vantajosa dado permitir a ativação de diferentes caminhos para recuperar uma informação e, desta forma, potencialmente aumentar a quantidade de informação recuperada.

Num estudo desenvolvido para analisar a eficácia da Entrevista Cognitiva Melhorada, McMahon (2000) refere que este protocolo não se revelou mais eficaz do que a Entrevista Cognitiva, nem do que uma entrevista estruturada, não se observando diferenças significativas no que respeita à quantidade de detalhes corretos ou incorretos obtidos. Contudo, o autor explica que estes resultados podem advir de uma aplicação inadequada do protocolo da Entrevista Cognitiva Melhorada. No estudo de Davis e colaboradores (2005), os resultados encontrados demonstraram que os grupos entrevistados através da Entrevista Cognitiva, com algumas modificações relativamente à original, e da Entrevista Cognitiva Melhorada relataram uma quantidade semelhante de informação, ainda que ambos os grupos tenham relatado mais informação do que o grupo entrevistado com uma entrevista semiestruturada.

Em suma, os aspetos sociais e de comunicação introduzidos na Entrevista Cognitiva Melhorada são consonantes com as boas práticas de entrevista forense, parecendo trazer benefícios no que diz respeito ao desenvolvimento de uma relação de confiança entre o entrevistador e o entrevistado. Assim, alguns dos estudos aqui referidos parecem indicar uma melhoria no que concerne à quantidade e à precisão dos detalhes relatados pelas testemunhas no entanto outros estudos, também aqui referidos, não encontraram diferenças significativas comparativamente a outros tipos de entrevista. As vantagens da Entrevista Cognitiva Melhorada parecem, então, refletir-se numa postura mais apoiante por parte do entrevistador, no sentido de garantir o bem-estar emocional e a colaboração do entrevistado.

## ***Recuperação por Categorias***

Dada a preocupação e necessidade de garantir a adequação das entrevistas forenses às testemunhas, Paulo, Albuquerque e Bull (2016) introduziram, recentemente, um método de recuperação de informação assente na teoria de que a memória está, muitas vezes, organizada de acordo com a similaridade semântica (Collins & Loftus, 1975). Assim, a ativação de memórias semanticamente relacionadas pode ocorrer aquando da recuperação de informação relacionada com uma categoria semântica específica. Isto significa que, quando é pedido a um sujeito que recorde objetos, o facto de este recordar o objeto “cadeira” pode levar à recuperação de outros objetos relacionados (por exemplo: secretária) o que, por sua vez, pode levar à recuperação de outros objetos relacionados como caneta ou papel.

A este respeito, Manning e Kahana (2012) referem que testar as categorias semânticas exige a realização de suposições sobre o que cada palavra significa para cada participante, ou seja, recordar as palavras “cão” e “coleira” remete para duas palavras que são expectáveis de surgir no mesmo contexto, podendo ambas pertencer à categoria geral de “coisas relacionadas com animais de estimação”. Para além disto, o estudo de Manning e Kahana (2012) revelou que quando era pedido aos participantes que memorizassem uma determinada lista de palavras, estes tendiam a organizar essas mesmas palavras em categorias semânticas, isto é, em objetos, animais, plantas, etc. Assim, esta técnica de recuperação (seja de forma espontânea ou a pedido de um entrevistador) permitia, por norma, aos participantes uma maior recuperação de palavras.

Desta forma, Paulo e colaboradores (2016), defenderam que esta teoria poderia ser aplicada ao contexto forense, ou seja, que seria possível que se verificasse um aumento da quantidade de informação relatada pela testemunha se esta for questionada, acerca do evento crime, através de categorias de informação. Este estudo de Paulo et al., (2016), demonstrou que os participantes entrevistados através da técnica de recuperação por categorias relataram uma quantidade consideravelmente maior de unidades de informação e, ainda, com maior precisão do que os participantes entrevistados com a técnica de mudança de ordem. Esta técnica revelou-se, assim, uma estratégia de recuperação de memória potencialmente bastante eficaz, permitindo a ativação de memórias adicionais, usando categorias semânticas presentes e gerais à maioria dos crimes como: objetos, ações, pessoas, locais, conversações e sons.

Num estudo posterior, Paulo, Albuquerque, Vitorino & Bull, (2017) testaram a quantidade de informação que uma testemunha conseguia relatar durante uma entrevista investigativa, comparando a técnica de recuperação por categorias com o questionamento compatível com a testemunha. Também neste estudo, os participantes entrevistados com o

procedimento de recuperação por categorias relataram uma maior quantidade de unidades de informação correta, comparativamente ao grupo de participantes entrevistados com o procedimento de questionamento compatível com a testemunha. Assim, os autores demonstraram também neste estudo que a técnica de recuperação por categorias pode ser mais eficaz que outras técnicas de entrevista investigativa, podendo ajudar a aumentar a quantidade de informação relatada por parte de testemunhas de crimes.

Paulo et al., (2017) referiram que incentivar a testemunha a recordar detalhes de informação através de grupos de categorias era vantajoso por várias razões: 1) o facto de ser uma técnica compatível com a organização mental da testemunha (uma vez que organizar o pensamento em categorias semânticas é algo espontâneo) pode facilitar o acesso à informação memorizada; 2) sendo uma técnica desempenhada de forma espontânea faz com que as testemunhas estejam mais familiarizadas com esta tarefa e que, por isso, usem menos recursos cognitivos para a desempenhar o que, por sua vez, permite um maior foco em recordar/recuperar informação; 3) o facto de ser uma técnica onde recuperar determinada informação (papel, secretária, lápis) pode levar à ativação de outras memórias relativamente semelhantes (balcão), permite à testemunha recuperar informação que de outra forma poderia não ser recuperada; 4) esta técnica requer menos interferência, ajustamento e treino por parte do entrevistador em comparação a outros tipos de entrevista.

Um ano depois, Thorley (2018) testou a eficácia da técnica de recuperação por categorias em comparação com a técnica de relato livre. O autor demonstrou que os participantes relataram mais informação correta quando entrevistados através da técnica de recuperação por categorias. Thorley (2018) revelou, ainda, que os participantes entrevistados com a técnica de recuperação por categorias demoraram mais tempo a recuperar a informação, comparativamente aos participantes entrevistados através do relato livre, no entanto, estes resultados podem dever-se ao facto destes participantes terem relatado uma maior quantidade de informação. Assim, também este autor refere que a recuperação por categorias pode ser um método superior de recuperação de informação no que concerne à entrevista de testemunhas.

### ***Self-Administered Interview***

A *Self-Administered Interview* (SAI) é uma ferramenta baseada na Entrevista Cognitiva, desenvolvida por Gabbert, Hope & Fisher, (2009), que engloba parte das mnemónicas desta entrevista, tais como o restabelecimento do contexto e a componente de relatar tudo o que a testemunha consegue lembrar-se acerca do evento a que assistiu (Krix, et al., 2016). A SAI

apresenta-se em formato de caderno de autopreenchimento que contém perguntas abertas. Aqui é pedido à testemunha que escreva o máximo de detalhes de informação possível acerca do crime. Contém ainda diversas instruções, simples e claras, o que permite que possa ser preenchida sem mais explicações por parte das forças policiais (Gabbert et al., 2009).

Gabbert et al (2009) modificaram a Entrevista Cognitiva de modo a que esta fosse de possível aplicação no próprio local do crime e, ainda, aplicada a diversas testemunhas em simultâneo (Gawrylowicz, Memon & Scoboria, 2014). Assim, esta entrevista, foi desenvolvida para que fosse uma ferramenta genérica, aplicável a diferentes tipos de crime. Isto é possível uma vez que o seu formato, as instruções dadas e as pistas fornecidas ao longo da entrevista, permitem o relato de detalhes presentes na maioria dos crimes testemunhados (Hope, Gabbert & Fisher, 2011).

A SAI, sendo constituída por técnicas de recuperação apropriadas, impede que as testemunhas forneçam um relato inicial livre, o que, por sua vez, proporciona diversos benefícios para as testemunhas e investigadores (Mackay e Paterson, 2015). Ao ser aplicada ainda no local do crime permite a obtenção de declarações abrangentes por parte das testemunhas, imediatamente após observarem um evento criminoso (Pfeil, 2018).

Mackay e Paterson (2015) afirmaram que depois da codificação da informação, esquecer essa mesma informação acontece, inicialmente, de forma rápida e, posteriormente, este processo de esquecimento da informação vai-se tornando mais lento ao longo tempo. Posto isto, a SAI permite a redução do intervalo de tempo que decorre entre a codificação da informação por parte da testemunha e o momento em que esta é solicitada a relatar o evento testemunhado. A redução deste intervalo de tempo minimiza a contaminação da memória e, em simultâneo, permite que os recursos das forças policiais sejam rentabilizados, uma vez que permite obter declarações de um grande número testemunhas (Pfeil, 2018).

A qualidade das declarações fornecidas pelas testemunhas também depende, em grande parte, do tempo que decorre entre o evento testemunhado e o momento em que a testemunha presta declarações, sendo este um problema significativo para os investigadores (Gabbert et al. 2009). No entanto, a SAI permite que o fator tempo seja contornado, uma vez que a sua aplicação é efetuada imediatamente após ao evento testemunhado. Assim, é possível obter declarações fiáveis e de boa qualidade, o que é importante para os investigadores, mas também para as testemunhas, na medida em que pode prevenir insucessos da justiça (Gabbert et al., 2009). Mais ainda, a SAI, permite melhorar a fiabilidade das evidências relatadas pelas testemunhas e proteger a integridade da memória, até que seja feita uma entrevista mais formal (Mackay & Paterson, 2015).

Desta forma, a SAI parece ser eficaz em permitir que sejam fornecidas declarações de maior qualidade (Pfeil, 2018). No primeiro estudo relativamente à eficácia da SAI, Gabbert et al., (2009), determinaram que os participantes que preencheram este protocolo foram capazes de relatar mais detalhes corretos sobre o evento testemunhado do que os participantes a quem foi pedido que relatassem a informação de forma livre. Outro estudo revelou que, também as testemunhas que preencheram a SAI, relataram substancialmente mais informações corretas do que os participantes que fizeram um relato livre por escrito (Pfeil, 2018).

A evidencia científica demonstra que o facto deste protocolo possibilitar que a memória seja salvaguardada constitui um forte benefício no que concerne a entrevistas posteriores. Pfeil (2018) constatou que, quando os participantes eram entrevistados através da SAI após observarem um evento, relatavam uma maior quantidade de detalhes corretos numa entrevista posterior, comparativamente a participantes que não providenciaram um relato utilizando a SAI imediatamente após testemunharem esse evento. Estes resultados revelaram que esta técnica pode ser adotada em entrevistas investigativas do dia-a-dia (Pfeil, 2018).

Hope et al., (2011) revelaram, também, que a utilização da SAI não só aumenta o número de detalhes corretos relatados, comparativamente a um relato livre, como não diminui a precisão desses mesmos detalhes. Para além disso, revela-se ainda um protocolo que pode diminuir a suscetibilidade da testemunha a falsas informações (Gawrylowicz et al., 2014).

### ***A influência da atenção na recuperação de memórias***

Numa fase inicial de memorização de informação, a atenção prestada a um determinado evento ou acontecimento desempenha um papel crucial, principalmente quando se trata de testemunhas jovens adultas. Isto porque, com o passar dos anos, verificam-se perdas no sistema sensorial, tais como a diminuição da visão ou da audição (Lin, Niparko & Ferrucci, 2011). Assim, quando se trata de testemunhas jovens adultas, estas encontram-se em vantagem face a testemunhas mais velhas.

Para que seja possível compreender um evento, uma testemunha deve prestar atenção ao mesmo, ignorando quaisquer outras informações irrelevantes. Assim, a atenção prestada facilitará a codificação e o processamento da informação (Pfeil, 2018). Deste modo, em estudos experimentais, a existência de estímulos artificiais poderá levar a que os participantes prestem menos atenção, estejam menos motivados e, assim, a importância pessoal que atribuem ao evento ser menor, comparativamente a um acontecimento da vida real. Por outro lado, a existência de estímulos artificiais poderá ter o efeito contrário, na medida em que os

participantes poderão revelar maior foco e motivação, de modo a demonstrar o quão bem conseguem desempenhar a tarefa (Pfeil, 2018).

As emoções podem, também, influenciar a memória quer ao nível da alteração da atenção e da perceção durante o processo de codificação, quer ao afetar a retenção da memória (Sharot & Phelps, 2004). Quando um evento emotivo é observado, a atenção dos sujeitos foca-se, em primeiro lugar, nos detalhes dos estímulos emotivos, o que permite uma melhor codificação destes detalhes, desvalorizando a codificação de detalhes menos relevantes (Sharot & Phelps, 2004). Ainda, os resultados do estudo de Sharot e Phelps (2004) sugerem que, mesmo quando o processamento de um estímulo excitante ocorre enquanto a atenção está focada em outra tarefa ou outro local, existe uma melhor retenção de memória desse estímulo do que de um estímulo neutro.

### ***O Presente Estudo***

O presente estudo teve como principal objetivo testar se a utilização de diferentes técnicas de entrevista influenciava a quantidade e a qualidade de informação fornecida por jovens adultos, acerca de um evento encenado. Deste modo, neste estudo analisamos a eficácia dos dois seguintes protocolos de entrevista: Recuperação por Categorias (RC) e *Self-Administered Interview* (SAI).

Baseado em estudos anteriores, podemos verificar que a SAI permite a obtenção de mais informações, com maior precisão, do que outros protocolos de entrevista. Ainda que estes resultados se apliquem também aos estudos que utilizaram a RC, comparada com os grupos de controlo, existe uma diferença no que toca ao formato e ao intervalo de tempo que decorre até à entrevista. Isto é, estudos anteriores demonstram que a eficácia da SAI assenta no facto de esta ser aplicada no próprio local do crime, logo após este ser testemunhado (diminuindo o intervalo de tempo que decorre entre o acontecimento e a recuperação da informação), proporcionando assim declarações mais abrangentes e impedindo a contaminação da memória.

Assim, a primeira hipótese deste estudo era que os participantes do grupo entrevistado através da SAI seriam capazes de relatar um maior número de detalhes acerca do evento encenado que testemunharam, do que o grupo entrevistado com a técnica RC. A segunda hipótese deste estudo era que os participantes do grupo entrevistado através da SAI seriam capazes de relatar informação mais precisa acerca do evento, do que os participantes do grupo entrevistado com a técnica RC.

Para além disso, sendo a atenção um fator importante na memorização de informação, esperava-se que os participantes com maiores índices de atenção conseguiriam relatar uma maior quantidade de informação, sendo esta, também, mais precisa.

Ao meu conhecimento, não existem, na literatura, estudos que comparem estes tipos de entrevista (SAI e RC). Com base na literatura é possível compreender que a RC se tem revelado uma técnica superior na entrevista de testemunhas de crimes, comparativamente a outros tipos de entrevista. As mesmas conclusões têm emergido relativamente à SAI, ainda que os estudos existentes utilizem metodologias distintas. Assim, entendeu-se ser pertinente um estudo que comparasse estes dois tipos de entrevista de forma a entender as potencialidades de ambas as técnicas em termos da obtenção de informação, em quantidade e qualidade, quando utilizadas imediatamente após a visualização de um vídeo sobre crime encenado. As nossas conclusões poderão configurar-se úteis para os profissionais que conduzem entrevistas na prática forense, na medida em que poderão ajudar na tomada de decisão acerca do protocolo mais adequado à testemunha, ao momento e ao contexto em que decorre a entrevista.

## Capítulo II

### ***Método***

#### ***Amostra***

A amostra é composta por quarenta participantes, com idades compreendidas entre os 19 e os 30 anos ( $M = 25,9$  e  $DP = 2,78$ ). Neste estudo, vinte participantes são do sexo feminino e vinte são do sexo masculino. Os participantes foram divididos, de forma aleatória, em dois grupos: 1) Recuperação por Categorias (Grupo RC:  $N = 20$ ) e 2) *Self-Administered Interview* (Grupo SAI:  $N = 20$ ). No Grupo RC os participantes têm idades compreendidas entre os 19 e os 30 anos ( $M = 24,8$  e  $DP = 2,54$ ) e no Grupo SAI os participantes têm idades compreendidas entre os 22 e 30 anos ( $M = 27$  e  $DP = 2,61$ ). A amostra foi selecionada por conveniência e por voluntariado (Marôco, 2018).

Todos os participantes revelaram ter capacidades linguísticas e de compreensão verbal dentro ou acima da média (Quociente de Inteligência Verbal de 90 ou mais) testadas através da Escala de Inteligência para adultos de Wechsler (WAIS-III) ( $M = 111,83$  e  $DP = 8,68$ ).

### ***Materiais e Procedimento***

#### ***Consentimento Informado***

Inicialmente, os participantes foram contactados para uma primeira sessão, onde cada participante foi informado acerca do estudo. No início da sessão foi esclarecido qual o objetivo do estudo, a sua importância e o próprio procedimento, isto é, os participantes foram informados de que iriam visualizar um vídeo e que seriam, posteriormente, entrevistados acerca do mesmo. Foi também explicado que a entrevista seria gravada em áudio ou registada por escrito, dependendo do grupo a que cada participante pertencia. Todos assinaram um Consentimento Informado (anexo 1) como forma de esclarecimento face ao objetivo e às características associadas e inerentes ao estudo.

#### ***Evento a ser recordado***

Após o esclarecimento sobre as questões inerentes a este estudo, foi pedido aos participantes que visualizassem o vídeo, prestando o máximo de atenção possível ao mesmo. Todos os participantes visualizaram o mesmo vídeo no mesmo computador Asus F550L, com fones. O vídeo foi editado da série portuguesa “Sorte Nula”, uma série de mistério do ano 2004. Esta edição, de 2 minutos e 55 segundos, mostra dois jovens que transportam um corpo de um local para outro e, no decorrer do vídeo, podem ser observadas diversas personagens, objetos,

conversações entre os dois jovens e sons diversos, não existindo qualquer tipo de violência no mesmo.

### ***Instrumentos***

Após a visualização do vídeo, cada participante realizou duas tarefas distratoras, com a duração de aproximadamente uma hora ( $M = 55.2$ ,  $DP = 15.4$ ) nomeadamente: a escala verbal da Escala de Inteligência para adultos de Wechsler (WAIS-III) (anexo 2) e o teste de atenção Toulouse-Pierón (anexo 3).

A escala verbal da Escala de Inteligência de Wechsler (Wechsler, 1997) proporcionou a obtenção do Quociente de Inteligência (Q.I.) parcial de cada participante: o Quociente de Inteligência Verbal (QIV). Esta escala permite avaliar a compreensão, memória e fluência verbal e, assim, foi aplicada de modo a garantir que todos os participantes pertencentes ao estudo apresentavam um QIV médio o que, por conseguinte, remete para a existência das capacidades avaliadas nesta escala. Foram aplicados os subtestes desta escala: vocabulário, semelhanças, aritmética, memória de dígitos, informação e compreensão.

O subteste vocabulário inclui 33 palavras apresentadas ao sujeito oralmente e que este deve definir também de forma oral. No subteste semelhanças são apresentados ao participante 19 pares de palavras oralmente, onde este deve identificar e justificar o que existe de comum entre os conceitos e objetos propostos. O subteste aritmética apresenta 20 problemas aritméticos que devem ser resolvidos mentalmente e respondidos oralmente pelo sujeito. O subteste memória de dígitos compreende 30 sequências de números, que são apresentadas ao sujeito oralmente. Nos dígitos em sentido direto, o sujeito deve repetir os números na ordem que lhe foi apresentada a sequência e, nos dígitos em sentido inverso, o sujeito deve repetir os números na ordem inversa á que lhe foi apresentada. O subteste informação é constituído por 28 questões orais que avaliam o conhecimento do sujeito sobre objetos, pessoas, factos ou locais. No subteste compreensão são feitas 18 questões ao sujeito, oralmente, em que este deve resolver problemas do quotidiano ou que demonstre compreender regras e conceitos da vida em sociedade. Esta escala encontra-se adaptada para a população portuguesa por Ferreira, Machado & Menezes, (2008) e apresenta bons valores de consistência interna para todos os subtestes da escala verbal com valores que variam entre  $\alpha = 0,84$  e  $\alpha = 0,93$ .

O teste de atenção Toulouse-Piéron (Toulouse, Vaschide, & Piéron, 1904) consiste numa folha A4 com 40 linhas. Em cada uma destas linhas encontram-se 40 quadrados com um traço exterior que se pode encontrar em oito direções diferentes, ou seja, existem oito sinais diferentes. Assim, é apresentado ao participante dois modelos de sinal que este deverá procurar

ao longo das linhas, fazendo um traço sobre o maior número possível de sinais iguais aos sinais modelo. A prova executa-se da esquerda para a direita e de cima para baixo e, em cada linha, existem 10 sinais iguais aos modelos e 30 sinais diferentes. A prova pretende avaliar o Índice Geral de Atenção e Perceção (IGAP), a Capacidade de Concentração (CC) e o Poder de Realização (PR) dos participantes, para isto são contabilizados os sinais marcados corretamente (acertos), os sinais omitidos (omissões) e os sinais marcados incorretamente (erros). Esta prova encontra-se adaptada para a população portuguesa por Amaral (1967), apresentado uma boa consistência interna da mesma ( $\alpha = 0.95$ ).

### ***Entrevistas***

Os participantes foram entrevistados acerca do vídeo, através de dois protocolos de entrevista distintos, consoante o grupo a que cada participante pertencia. As entrevistas ocorreram cerca de uma hora depois da observação do vídeo, quando finalizadas as tarefas distratoras. Foi escolhido este intervalo de tempo uma vez que a SAI tem como objetivo ser aplicada assim que possível e, segundo a literatura, a eficácia da RC não fica comprometida por este intervalo de tempo. Esta investigação implicou a participação dos sujeitos numa entrevista presencial. Todas as entrevistas reuniram as condições necessárias para a boa realização das mesmas, nomeadamente: um ambiente calmo e silencioso que evitasse interrupções indesejadas ou qualquer distração. Foi esclarecido aos participantes que não haveria limite de tempo para responderem e que, caso necessário, poderiam esclarecer qualquer dúvida que surgisse. Para além disto, durante a entrevista foi mantida uma escuta ativa e os participantes não foram interrompidos. As entrevistas foram gravadas em áudio por um gravador de voz

O Grupo de Recuperação por Categorias foi entrevistado com um protocolo (anexo 4) baseado e adaptado do protocolo de entrevista desenvolvido por Paulo et al. (2016). Em primeiro lugar foi pedido aos participantes que relatassem tudo aquilo que se lembravam acerca do vídeo, com o máximo de detalhe possível. Foi também pedido que não supusessem ou tentassem adivinhar informação mas, ao invés disso, que referissem que não se lembravam de determinada informação.

De seguida, foi pedido aos participantes que fechassem os olhos e imaginassem a cena do crime na sua mente, antes do relato, de modo a ajudar a manter a concentração e a formar uma imagem mais clara do acontecimento. Posteriormente, foi-lhes pedido que a informação a relatar fosse organizada em categorias, isto é: em primeiro lugar, foi pedido que relatassem toda a informação relativa a objetos presentes na cena do crime; em segundo lugar, toda a informação relativa a pessoas presentes na cena do crime (como o seu vestuário, localização, características

físicas, etc.); em terceiro lugar, as ações que ocorreram durante o crime (por exemplo: gestos e comportamentos) e, por último, foi pedido que relatassem tudo o que poderiam ter ouvido durante o vídeo, ou seja, qualquer conversação entre personagem durante o crime ou outros sons que pudessem ter ouvido.

Estas categorias de informação foram selecionadas por (a) serem tópicos importantes nas investigações policiais; (b) por estarem presentes em quase todos os crimes, minimizando a intervenção do entrevistador no relato do participante bem como tornando dispensáveis questões específicas; e (c) o facto de os sons e conversações se apoiarem num estímulo sensorial diferente pode ser importante na evocação de novas informações (Fisher & Geiselman, 1992).

O grupo SAI foi entrevistado com da *Self-Administered Interview* (anexo 5). A SAI é um caderno de entrevista que compreende cinco secções que contêm informação e instruções de modo a facilitar a evocação e o relato de informação do evento (Gabbert et al, 2009).

A secção 1 remete para informações relativas à SAI bem como para a importância de seguir as instruções e de preencher as secções pela ordem sequencial da mesma. Na secção 2, as instruções requerem que o participante providencie um relato mais completo e preciso possível, evitando suposições. Na secção 3 é pedido ao participante que mantenha o foco nas informações referentes às pessoas, relatando com o máximo de detalhe possível a aparência das mesmas. A secção 4 contém instruções para que o participante desenvolva um desenho da cena do crime de modo a providenciar importantes informações acerca do espaço em que o crime ocorreu, sendo assegurado aos participantes que este não é um teste às suas capacidades de desenho, mas apenas uma representação gráfica da cena do crime. Na secção 5 é pedido aos participantes que respondam a uma série de questões que o participante pode não ter incluído previamente (como a altura do dia em que o crime aconteceu, condições climáticas, outras pessoas envolvidas/testemunhas, etc.).

### ***Codificação de Dados***

As entrevistas foram transcritas e, posteriormente, o relato dos participantes foi codificado em unidades de informação categorizadas como (1) pessoas, (2) ações, (3) objetos, (4) locais, (5) conversações e (6) sons. Estas unidades de informação foram cotadas como corretas ou incorretas e como uma das categorias acima referidas. Para este efeito, foi utilizada uma folha de Excel onde na primeira coluna foi introduzida a informação relatada pelo participante, de seguida essa informação foi cotada como correta ou incorreta e, posteriormente, foi cotada como pertencente a uma das categorias de informação (pessoas, ações, objetos,

locais, conversações ou sons). Segue em anexo (anexo 6) uma figura exemplificativa do modo como foi realizada a codificação de dados de cada participante.

No final, foi contabilizado o total de unidades de informação corretas, total de unidades de informação incorretas e total de unidades de informação de cada categoria (isto é: soma dos totais das categorias pessoas, ações, objetos, locais, conversações e sons). Os totais de cada participante foram, posteriormente, reunidos numa outra folha de Excel de modo a formar a base de dados a ser exportada para o SPSS. Para melhor entendimento deste procedimento, segue em anexo (anexo 7) uma figura exemplificativa dos totais reunidos de vinte participantes.

As unidades de informação repetidas, corretas ou incorretas, foram consideradas apenas a primeira vez que foram mencionadas. Não foram consideradas as unidades de informação subjetivas ou opiniões dos participantes (por exemplo: “os assaltantes estavam nervosos” ou “os assaltantes eram ambos magros”).

### ***Fiabilidade Inter-Cotadores***

De modo a avaliar a fiabilidade inter-cotadores, foram selecionadas 8 entrevistas (20% do total), de forma aleatória, para que fossem cotadas por um investigador que não tivesse conhecimento dos objetivos ou hipóteses deste estudo mas que, ainda assim, estivesse familiarizado com o modelo utilizado para a cotação das entrevistas neste estudo.

Foi calculado o Coeficiente de Concordância de Kappa e os resultados revelaram concordância para os corretos ( $K = 0,97$ ), os incorretos ( $K = 0,94$ ) e para cada uma das seis categorias de informação: pessoas ( $K = 0,94$ ); ações ( $K = 0,93$ ); objetos ( $K = 0,92$ ); locais ( $K = 0,91$ ), conversações ( $K = 0,92$ ) e sons ( $K = 1$ ).

### ***Delineamento do Estudo***

O estudo que se propõe é de natureza quantitativa, sendo um estudo comparativo e transversal, ou seja, a recolha de dados será feita uma única vez e estes serão posteriormente comparados entre dois grupos (Shaughnessy, Zechmeister & Zechmeister, 2005). O estudo comparativo é considerado um estudo experimental que permite verificar a existência ou não de diferenças estatisticamente significativas entre dois grupos (Marôco, 2014).

## Capítulo III

### **Resultados**

#### **Plano de Análise de Dados**

De modo a verificar a existência ou não de diferenças estatisticamente significativas entre as médias dos grupos, relativamente às diferentes categorias de detalhes, foram realizados testes estatísticos de comparação, nomeadamente, o teste *T-Student* para duas amostras independentes.

Em primeiro lugar, verificaram-se os pressupostos da normalidade e da homogeneidade de variâncias. Para testar a normalidade das variáveis, e sendo a amostra inferior a 50 participantes, foi utilizado o teste de *Shapiro-Wilk* e, para testar a homogeneidade de variâncias, foi utilizado o teste de *Levene*. Quando os pressupostos se verificaram foi utilizado o teste paramétrico *T-Student*. Pelo contrário, quando os pressupostos não se verificaram foi utilizado o teste não-paramétrico de *Mann Whitney* (Marôco & Bispo, 2005).

Realizaram-se também correlações com o objetivo de avaliar a relação existente entre os diferentes índices do teste de atenção (Toulouse-Piéron), o Q.I.V (Escala Verbal da WAIS-III) e as diferentes categorias de detalhes calculando a sua direção e magnitude (Marôco & Bispo, 2005). Depois de testado o pressuposto da normalidade, quando as variáveis seguiam distribuição normal foi utilizado o teste de Correlação de Pearson e, quando as variáveis não seguiam distribuição normal, foi utilizado o teste de Correlação de Spearman.

#### **Principais Resultados**

Utilizando o teste *T-student* verificou-se, como podemos observar na tabela 1, que não existiram diferenças estatisticamente significativas entre o grupo RC e o grupo SAI no que diz respeito às variáveis de unidades de informação corretas,  $t(38)=1.31$ ,  $p = .198$ ,  $d = 1.04$ , 95% IC [-21.49, 4.59], total de unidades de informação,  $t(38)= 1.16$ ,  $p = .251$ ,  $d= .92$ , 95% IC [-22.03, 5.93], unidades de informação sobre objetos,  $t(38)= .90$ ,  $p= .372$ ,  $d= .72$ , 95% IC [-4.54, 1.74], e unidades de informação sobre locais,  $t(38)= .05$ ,  $p = .962$ ,  $d = .39$ , 95% IC [-2,07, 2.17]. Isto é, as médias do número de unidades de informação relatadas das variáveis supramencionadas não diferiram significativamente quando comparados os dois tipos de entrevista.

Tabela 7

*Categorias de Informação Relatada (Médias e Desvios Padrão) por cada grupo (RC e SAI)*

Tipo de Detalhe	Grupo				
	RC		SAI		t
	M	DP	M	DP	
Corretos	53,05	16,97	61,50	23,29	1.31
Total	57,05	24,19	65,10	24,19	1.16
Objetos	10,90	4,01	12,30	5,65	.90
Locais	7,70	2,62	7,65	3,87	.05

*Notas.* Resultados referentes ao teste *T-Student*. RC: Recuperação por Categorias; SAI: *Self-Administered Interview*

Utilizando o teste Mann-Whitney verificou-se, como se pode observar na tabela 2, que não existiram diferenças estatisticamente significativas entre os dois tipos de entrevista no que concerne às variáveis de unidades de informação incorretas,  $U= 181$ ,  $p= .604$ ,  $z= .52$ ,  $r= .021$ , de unidades de informação sobre, ações  $U= 170$ ,  $p= .416$ ,  $z= .81$ ,  $r= .32$ , de unidades de informação sobre, conversações  $U=200$ ,  $p= 1$ ,  $z= 0$ ,  $r= 0$ , de unidades de informação sobre sons,  $U= 190$ ,  $p= .637$ ,  $z= .47$ ,  $r= .19$  e na precisão da informação relatada,  $U= 149$ ,  $p= .166$ ,  $z= 1.39$ ,  $r= .55$ .

No entanto, foram encontradas diferenças estatisticamente significativas, entre os grupos, relativamente ao número de unidades de informação relatadas referentes à categoria pessoas,  $U= 95$ ,  $p= .004$ ,  $z= 2.85$ ,  $r= 1.14$ . Assim, e consultando a Tabela 2, os resultados evidenciaram que os participantes do grupo SAI relataram uma quantidade significativamente superior de unidades de informação relativas a pessoas, quando comparados com o grupo RC.

Tabela 8

*Categorias de Informação Relatada (Médias e Desvios Padrão) em cada grupo (RC e SAI)*

Tipo de Detalhe	Grupo			
	RC		SAI	
	M	DP	M	DP
Incorretos	4,00	2,75	3,60	2,76
Pessoas	18,35	10,05	26,90	10,21
Ações	14,10	4,20	12,70	6,42
Conversações	5,60	3,89	5,40	3,38
Sons	,15	0,37	,10	0,31
Precisão %	93,51	3	94,30	5

*Notas.* Resultados referentes ao teste Não-Paramétrico Mann-Whitney. RC: Recuperação por Categorias; SAI: *Self-Administered Interview*.

Uma vez que ambos os grupos eram constituídos por 20 participantes do sexo masculino e 20 participantes do sexo feminino foi ainda efetuado um teste *T-Student* e um teste Mann-Whitney de modo a analisar se existiam diferenças estatisticamente significativas entre o género dos participantes e o número de unidades de informação relatadas, nas diferentes categorias.

Deste modo, foi possível verificar no teste *T-Student* (tabela 3) que não existiram diferenças estatisticamente significativas entre o género dos participantes e o número de unidades de informação corretas,  $t(38) = .57, p = .571, d = .45, 95\% \text{ IC } [-17.03, 9.53]$ , total de unidades de informação,  $t(38) = .59, p = .556, d = .47, 95\% \text{ IC } [-18.31, 10.01]$ , unidades de informação sobre objetos,  $t(38) = .90, p = .372, d = .72, 95\% \text{ IC } [-1.74, 4.54]$ , e unidades de informação sobre locais,  $t(38) = .24, p = .812, d = .19, 95\% \text{ IC } [-1.863, 2.36]$ .

Tabela 9

*Categorias de Informação Relatada (Médias e Desvios Padrão) em cada grupo (Feminino e Masculino)*

Tipo de Detalhe	Género				<i>t</i>
	Feminino		Masculino		
	M	DP	M	DP	
Corretos	59,15	20,12	55,40	21,35	.57
Total	63,15	20,88	59,00	23,29	.59
Objetos	10,90	3,70	12,30	5,86	.90
Locais	7,55	3,49	7,80	3,11	.24

*Notas.* Resultados referentes ao teste *T-Student*.

Relativamente ao teste Mann-Whitney foi possível verificar (na tabela 4) que não existiram diferenças estatisticamente significativas no que concerne às variáveis referentes ao número de unidades de informação incorretos,  $U = 167, p = .368, z = .90, r = .36$ , unidades de informação sobre pessoas  $U = 161, p = .290, z = 1.06, r = .42$ , unidades de informação sobre ações,  $U = 192, p = .839, z = .20, r = .08$ , unidades de informação sobre sons,  $U = 190, p = .637, z = .47, r = .19$ , e na precisão da informação relatada,  $U = 170, p = .423, z = .80, r = .32$ . No entanto, foram encontradas diferenças estatisticamente significativas na variável referente a unidades de informação sobre conversações,  $U = 120, p = .029, z = 2.18, r = .87$ . Na tabela 4, é possível observar que a média dos detalhes sobre conversações relatados pelos participantes do sexo feminino é superior à dos detalhes relatados pelos participantes do sexo masculino.

Tabela 10

*Categorias de Informação Relatada (Médias e Desvios Padrão) em cada grupo (Feminino e Masculino)*

Tipo de Detalhe	Género			
	Feminino		Masculino	
	M	DP	M	DP
Incorretos	4,00	2,248	3,60	3,185
Pessoas	23,95	11,468	21,30	10,418
Ações	13,60	5,103	13,20	5,809
Conversações	6,75	3,796	4,25	2,971
Sons	,10	,308	,15	,366
Precisão %	93,65	3,00	94,15	5,00

*Notas.* Resultados referentes ao teste Não-Paramétrico Mann-Whitney.

### **Outros Resultados**

Tal como anteriormente referido no plano de análise, efetuamos um teste de correlação de modo a verificar se os diferentes índices de atenção (IGAP, PR e CC) e o Quociente de Inteligência Verbal (QIV) se relacionavam com o número de unidades de informação relatadas, para todas as categorias de informação.

Uma vez que o pressuposto da normalidade se verificou para as variáveis de unidade de informação corretas, total de unidades de informação, unidades de informação sobre ações, unidades de informação sobre objetos, unidades de informação sobre localizações, QIV e PR, foi conduzida uma correlação de Pearson (ver tabela 5). Na tabela 5, é possível observar que não existiram correlações estatisticamente significativas e que o efeito destas correlações é fraco, visto que os valores do coeficiente de correlação (R) são +/- 0.1 (Field, 2000).

Tabela 11

*Correlações entre as categorias de detalhes e o QIV e PR.*

		Correlação de Pearson				
		Corretos	Total	Ações	Objetos	Locais
QIV	R	,144	,121	,164	,155	,113
	Sig.	,374	,456	,312	,341	,486
PR	R	,111	,090	-,026	,083	,112
	Sig.	,497	,582	,875	,611	,493

*Notas.* Resultados referentes ao teste Correlacional de Pearson. QIV: Quociente de Inteligência Verbal, PR: Poder de Realização.

Existindo variáveis que não seguiam distribuição normal, nomeadamente: os unidade de informação incorretas, unidade de informação sobre pessoas, unidade de informação sobre ações, unidade de informação sobre conversações, unidade de informação sobre sons, precisão da informação, IGAP e CC, recorremos ao teste correlacional de Spearman para averiguar se existiam relações entre as variáveis referidas. De modo a entender se existiam relações significativas entre todas as variáveis, estas foram contempladas neste teste. Isto significa que, para efeitos de maior compreensão das correlações possíveis, todas as variáveis foram utilizadas para o teste correlacional de Spearman.

Como se pode confirmar na tabela 6, também neste teste não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas e que, à semelhança dos resultados encontrados no teste correlacional de Pearson, também aqui se verifica que o efeito destas correlações é fraco uma vez que o coeficiente de correlação de Spearman varia entre +/- 0.1 (Field, 2000).

No entanto, pode destacar-se a relação entre a capacidade de concentração (CC) com o número de detalhes relatados relativamente às unidades de informação referentes a pessoas, sendo este coeficiente de correlação de Spearman ( $R^2$ ) +/- 0.3, podemos afirmar que estamos perante uma correlação de efeito moderado, ainda que não seja estatisticamente significativo.

Tabela 12

*Correlações entre as categorias de detalhes, os índices de Atenção e o QIV*

		Correlação de Spearman									
		Corrt	Tot	Aç	Prec	Incrtr	Pess	Obj	Loc	Sons	Conv
QIV	$R^2$	,189	,145	,239	,186	-,113	,112	,155	,113	,095	-,065
	Sig.	,243	,372	,137	,252	,487	,491	,341	,486	,559	,691
IGAP	$R^2$	,110	,101	-,008	,161	-,053	,082	,073	,108	,088	,109
	Sig.	,498	,536	,961	,321	,743	,616	,656	,507	,587	,501
PR	$R^2$	,117	,106	-,006	,109	-,033	-,062	,083	,112	,223	,233
	Sig.	,470	,515	,969	,502	,841	,704	,611	,493	,167	,067
CC	$R^2$	,108	,118	,041	,090	,040	<b>,289</b>	,070	,001	,151	,047
	Sig.	,507	,468	,802	,581	,808	,071	,669	,996	,352	,775

*Notas.* Resultados referentes ao teste correlacional de Spearman. QIV: Quociente de Inteligência Verbal, IGAP: Índice Geral de Atenção e Percepção, PR: Poder de Realização e CC: Capacidade de Concentração.

## Capítulo IV

### *Discussão*

O principal objetivo deste estudo consistia em explorar a existência de diferenças significativas relativamente à quantidade e à precisão de informação relatada acerca de um evento testemunhado, quando os participantes foram entrevistados com recurso a dois protocolos de entrevista distintos. Neste estudo, não foram encontradas diferenças significativas no que concerne à quantidade de informação relatada, em nenhuma das categorias de detalhes (à exceção de uma), ou à precisão desta informação, sugerindo que ambas as entrevistas parecem ser igualmente eficazes quando utilizadas imediatamente após a observação de um determinado acontecimento.

Apenas foram encontradas diferenças significativas entre as duas entrevistas, na informação reportada sobre a categoria “pessoas”. Mais especificamente, os participantes aos quais foi administrada a *Self-Administered Interview* relataram mais detalhes sobre as pessoas presentes no vídeo que foi observado, do que os participantes entrevistados com a técnica de Recuperação por Categorias.

Tendo em conta os resultados obtidos no presente estudo, não existindo diferenças estatisticamente significativas entre os grupos, não é possível aferir que um protocolo de entrevista seja mais eficaz que o outro, no entanto, estas diferenças poderiam ter existido se a amostra fosse maior. Apesar disto, e na ausência de diferenças significativas relativamente à maioria das categorias testadas, parece-nos pertinente justificar a diferença encontrada na quantidade de informação reportada sobre pessoas. Assim, é possível que esta diferença encontrada se deva ao facto de neste protocolo existir uma secção onde é especificamente pedido aos participantes que relatem detalhes característicos, como se fossem pistas, sobre as pessoas envolvidas no evento testemunhado (por exemplo: cor da pele, altura, cor do cabelo, vestuário, etc.) pistas estas não sugestivas. Neste sentido, a existência deste pedido direto aos participantes pode justificar o maior número de detalhes fornecido nesta categoria, comparativamente aos participantes do grupo RC.

Gabbert e colaboradores (2009) referiram que os participantes que preencheram a SAI conseguiram lembrar-se de um maior número de informações sobre o evento, incluindo significativamente mais detalhes sobre pessoas, comparativamente ao grupo de controlo. Estes resultados vão parcialmente ao encontro dos resultados obtidos neste estudo, uma vez que também aqui foram também fornecidos significativamente mais detalhes de informação sobre pessoas, pelos participantes deste grupo. Com base nos resultados do presente estudo, e de

estudos anteriores, relativamente ao relato de um maior número de detalhes precisos sobre pessoas, é-nos possível pensar que a SAI poderá ser uma ferramenta bastante eficaz de entrevistar testemunhas no que toca à identificação de suspeitos. Podemos, da mesma forma, pensar que o protocolo RC poderá ser uma ferramenta eficaz de entrevistar testemunhas no que concerne ao relato de detalhes sobre ações, locais, conversações e sons, de determinado acontecimento, uma vez que estes foram relatados em maior número pelos participantes, ainda que estas diferenças não tenham atingido significância estatística. Isto é, quando prestamos particular atenção às diferenças encontradas entre as médias dos grupos, podemos verificar que, em ambos os casos, quando é pedido aos participantes que relatem detalhes específicos sobre determinada categoria isto parece resultar num maior número de detalhes, igualmente precisos. Assim, o presente estudo parece revelar que, um protocolo de entrevista que disponha de pistas concretas, não sugestivas, sobre informações relevantes acerca de cada categoria de informação, pode resultar num relato testemunhal mais rico e igualmente preciso, contendo informações que de outra forma poderiam não ser fornecidas.

Gabbert e colaboradores (2009) refere no seu estudo que os participantes que completaram a SAI obtiveram melhores resultados no que concerne a um maior número de detalhes bem como à precisão dos mesmos, do que os participantes que providenciaram um relato livre ou foram entrevistados com a entrevista cognitiva. Neste estudo, o mesmo não se verificou, uma vez que os participantes que completaram a SAI apenas revelaram ter relatado uma maior quantidade de informação acerca das pessoas envolvidas no crime encenado que observaram. Assim, visto que em ambos os protocolos de entrevista, os participantes relataram um maior número de informação quando questionados diretamente acerca de características específicas sobre cada categoria, poderia ser interessante a elaboração de um protocolo que contemplasse, no seu formato, o mesmo tipo de instruções para todas as categorias de informação consideradas pertinentes para uma investigação policial. Ou seja, se considerarmos as categorias de informação pessoas, objetos, ações, localizações, conversações e sons, poderia ser interessante a existência de um protocolo que introduzisse questões sobre detalhes a referir nestas mesmas categorias, por exemplo, no caso da categoria sobre pessoas, poderiam ser introduzidas questões sobre a cor do cabelo, tom da pele, altura, marcas identificativas, vestuário, entre outras; sobre os objetos, poderiam ser formuladas questões sobre a existência ou não de armas, possíveis viaturas envolvidas, descrição detalhada dos mais variados objetos presentes no decorrer do acontecimento; sobre as ações, a testemunha pode ser questionada sobre quais os comportamentos ou gestos, das pessoas envolvidas, que esta tenha visualizado aquando do evento; sobre os locais do evento, a testemunha poderia responder a questões

quanto ao espaço físico do acontecimento e as suas características; e, por último, poderiam ser incluídas instruções no que diz respeito a conversações ou sons que as testemunhas possam ter ouvido, uma vez que este tópico pode conter informações importantes que de outra forma poderão não ser recordados.

Pfiel (2018), refere que os participantes que preencheram a SAI apresentaram valores mais baixos na taxa de precisão dos detalhes relatados comparativamente ao grupo que escreveu um relato livre, isto significa que apesar de apresentarem um maior número de detalhes corretos, também se verificou um maior número de detalhes incorretos. Tais resultados não se verificaram neste estudo pois não foram encontradas diferenças significativas no número de detalhes corretos ou incorretos entre os grupos. Também Gabbert et al. (2009), no seu estudo, não encontraram diferenças significativas no que concerne ao número de detalhes corretos relatados pelos participantes entrevistados com a SAI e com a entrevista cognitiva, à semelhança do que acontece no presente estudo. A ausência de diferenças significativas entre os grupos ao nível dos detalhes corretos e incorretos pode ser um indício de que ambos os protocolos de entrevista testados se realçam no que diz respeito à precisão dos relatos das testemunhas. No entanto, quando comparadas as médias dos grupos, verifica-se que os participantes do grupo SAI apresentaram, de facto, um maior número de detalhes corretos (e uma quantidade semelhante de detalhes incorretos) comparativamente ao grupo RC. Em suma, não se pode, no presente estudo, afirmar que um protocolo de entrevista foi superior ao outro relativamente à precisão do relato fornecido pelos participantes, visto que ambas se revelam igualmente eficazes neste âmbito. Como tal, parece que qualquer um dos protocolos aqui testados poderá ser uma técnica eficaz neste sentido, sendo que em contexto forense poderá ser utilizada qualquer uma das técnicas referidas, sem comprometer a precisão do relato de testemunhas oculares de crimes.

Sobre o número total de detalhes, no estudo de Kemp, Paterson & Yu (2016) os participantes que entrevistados com a entrevista cognitiva conseguiram recuperar um maior número total de detalhes do que os participantes que preencheram a SAI. Tais resultados não se verificam neste estudo, uma vez que os participantes entrevistados com a SAI recuperaram um maior número total de detalhes do que os participantes do grupo RC, ainda que estas diferenças não tenham atingido significância estatística. Portanto, na ausência de diferenças estatisticamente significativas no que respeita ao total de detalhes fornecidos pelos participantes, os nossos resultados parecem indicar que ambos os procedimentos de entrevista são eficazes e adequados para entrevistar testemunhas após um curto intervalo de tempo.

Ainda que não tenham sido encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os grupos nas várias categorias de detalhes estudadas (à exceção da categoria sobre pessoas), creio que seja importante referir que a partir das médias de detalhes fornecidos sobre cada uma destas categorias, conseguimos perceber a existência de diferenças entre os dois tipos de entrevista. Ao notar estas diferenças, é possível verificar que os participantes do grupo SAI forneceram mais detalhes no total, assim como sobre pessoas e objetos, sendo estes mais precisos. Também verificamos um maior número de detalhes corretos, globalmente, e um menor número de detalhes incorretos. Por outro lado, quando comparadas as médias dos grupos, verifica-se que os participantes do grupo RC apresentaram um maior número de detalhes nas categorias ações, locais, conversações e sons, como já referido anteriormente. Relembramos que, apesar de estas diferenças se terem notado nestas categorias, é importante referir que as mesmas apenas foram estatisticamente significativas na categoria de detalhes sobre pessoas. Pfiel (2018), no seu estudo, refere ainda que os jovens adultos entrevistados recuperaram uma maior quantidade de informação acerca de pessoas do que os adultos mais velhos. Assim, sendo que o nosso estudo abrange uma população jovem adulta, o maior número de detalhes relatados desta categoria poderá estar relacionado com a faixa etária a que estes pertencem. Concluindo, ambos os protocolos de entrevista demonstraram ser eficazes no que concerne à precisão do relato, bem como à quantidade de informação relatada sobre as ações, os objetos, os locais, as conversações e os sons presentes na situação observada. Podemos, no entanto, concluir que no que concerne à informação sobre as pessoas envolvidas no evento observado, o protocolo de entrevista da SAI se poderá revelar uma ferramenta muito útil para a investigação policial. Os nossos resultados parecem indicar que, através da utilização deste protocolo, as testemunhas entrevistadas conseguem fornecer uma descrição mais detalhada e precisa dos envolvidos num determinado evento criminal, o que pode ser crucial para a identificação bem sucedida de suspeitos. Posto isto, continua a revelar-se muito importante apostar na criação de mais e melhores métodos de entrevista forense sustentados com evidência científica, de modo a que estes possam ser adotados pelas forças policiais e, por conseguinte, ajudar na resolução justa dos casos.

Relativamente à análise comparativa entre géneros, os nossos resultados não evidenciaram diferenças significativas entre o género masculino e feminino, nas diversas categorias de informação à exceção da categoria de informação sobre “conversações”. Nesta categoria de informação, os participantes do género feminino relataram um número significativamente maior de detalhes do que os do género masculino.

Estas diferenças encontradas podem dever-se ao facto de existirem formas distintas de processamento de estímulos auditivos entre os géneros (Kimura, 1985). Para além das diferenças no processamento de estímulos auditivos, McFadden (2009) refere ainda que o sistema auditivo do género feminino é mais sensível desde o nascimento até à velhice, comparativamente ao do género masculino. Num estudo de Allan (2006) os resultados indicaram que músicas com letras, em vez de músicas apenas com instrumentais, revelaram ser mais eficazes a estimular a atenção e a memória dos participantes, sugerindo que a letra da música, mais que o sons presentes na mesma, serão a chave do processamento da informação.

Desta forma, os resultados encontrados neste estudo poderão estar relacionados com a superior sensibilidade do género feminino no que concerne a estímulos auditivos. No entanto, os detalhes referentes à categoria sons não obtiveram significância estatística ao contrário da categoria de informação sobre conversações. A ausência de significância estatística na categoria de informação sobre sons presentes no vídeo pode dever-se à reduzida quantidade de detalhes sonoros no vídeo visualizado e, adicionalmente, ao reduzido tamanho da amostra entrevistada. Por outro lado, a existência de diferenças no que toca a detalhes de conversações pode estar relacionado, ainda, com a importância atribuída às falas dos diálogos entre as personagens do vídeo, à semelhança do estudo de Allan (2006) onde as letras da música se revelaram mais eficazes na atenção e na memória, comparativamente a instrumentais de músicas.

No que diz respeito a relação entre a os índices de atenção e a as categorias de informação, podemos afirmar que estas se correlacionam fracamente. Apenas a capacidade de concentração e o número de detalhes sobre pessoas se encontram correlacionados de forma moderada, ainda assim esta relação não foi estatisticamente significativa. Não existem dados indicativos, neste estudo, de que a atenção pode, de alguma forma, influenciar a quantidade de informação fornecida sobre aspetos específicos de um determinado evento. Ou seja, com base nos nossos resultados, não se pode assumir que a atenção que uma testemunha presta a determinado evento vai influenciar a quantidade ou a precisão da informação relatada acerca de características específicas desse mesmo evento (e.g., características das pessoas envolvidas e descrição das suas ações, informação sobre objetos, locais, sons ou conversações). Estes resultados podem, no entanto, dever-se ao facto do evento utilizado neste estudo ser um vídeo e, sendo este um estímulo artificial, os participantes podem ter estado menos motivados a prestar-lhe atenção, comparativamente a um evento da vida real. Tal como indica a literatura a importância atribuída a um estímulo artificial pode ser menor do que a atribuída a um estímulo real (Pfeil, 2018). Adicionalmente, o facto do estímulo (vídeo) não ser particularmente emotivo

poderá ser um fator adicional que limitou a atenção prestada pelos os participantes Sharot e Phelps (2004).

Como em qualquer estudo científico, também aqui se encontram algumas limitações que passamos a expor.

### ***Limitações e sugestões de futuras investigações***

À semelhança de todos os estudos científicos, a presente investigação também contém algumas limitações. Em primeiro lugar, apesar de equiparável a outros estudos científicos da mesma área de especialidade, a nossa amostra tem um tamanho reduzido, o que não possibilita que as evidências encontradas sejam generalizadas à população. Seria importante replicar estes resultados com uma amostra de maiores dimensões, no sentido de apresentar resultados mais robustos.

Em segundo lugar, o formato da SAI não permite a sua utilização com alguns grupos de testemunhas, como é o caso de testemunhas com perturbações linguísticas ou fraca literacia. Assim, neste estudo foi assegurado que os participantes teriam capacidades linguísticas e de compreensão verbal dentro da média normativa. No entanto, em situações reais pode não ser possível testar estas capacidades antes do preenchimento do protocolo. Ainda que originalmente este protocolo de entrevista não esteja validado e adaptado para a população portuguesa, este foi traduzido tendo em conta a língua nativa de todos os participantes. Assim, poderia ser interessante traduzir e adaptar a SAI para diferentes idiomas de modo a que este protocolo seja mais abrangente à população geral.

Em terceiro lugar, sendo a SAI um protocolo de entrevista de auto preenchimento, não pressupõe a presença de um entrevistador, o que pode comprometer o relato da testemunha uma vez que não existe o estabelecimento de uma relação de confiança entre o entrevistador e o entrevistado o que, por sua vez, não permite que exista uma postura apoiante, no sentido de garantir o bem-estar emocional e a colaboração do entrevistado, por parte do entrevistador. Para colmatar esta limitação seria importante existirem mais estudos focados na testemunha que averiguassem de que forma a SAI pode ser adaptada com sucesso neste sentido.

Outra limitação prende-se com o intervalo de tempo decorrente entre o evento testemunhado e a entrevista, isto é, apesar de este intervalo de tempo estar de acordo com intervalos utilizados noutros estudos, em situações da vida real podem passar várias horas ou dias até que os entrevistadores tenham possibilidade de entrevistar as testemunhas. Assim, é importante que, em estudos futuros, sejam aplicados estes protocolos em diferentes intervalos

de tempo, entre o evento e a entrevista, de modo a compreender se os mesmos têm impacto na eficácia dos protocolos.

É ainda importante referir que, o presente estudo, não se baseia num evento real sobre o qual os participantes foram entrevistados, podendo a existência de um estímulo artificial, interferir na motivação, atenção e níveis de stress dos participantes ao mesmo. Assim, seria interessante que, em futuros estudos, se desenvolvessem investigações com situações da vida real e, conseqüentemente, mais ecologicamente válidas.

Tendo em conta os nossos resultados indicativos da eficácia de ambos os protocolos na obtenção de informação seria interessante que, em investigações futuras, fosse testado um novo protocolo tendo em conta os pontos fortes de cada um dos tipos de entrevista. Por exemplo, pedir diretamente às testemunhas que relatem a informação tendo em conta as categorias importantes para a prática forense, como sugerido pela RC – (exemplo: diga-me tudo o que se lembra acerca das pessoas presentes no acontecimento) mas exigindo um maior detalhe em cada uma delas como sugerido pela SAI (exemplo: a cor dos olhos, altura, etc.), de forma a conseguir um relato mais rico e preciso.

## Referências

- Allan, D. (2006). Effects of popular music in advertising on attention and memory. *Journal of Advertising Research*, 46(4), 434-444. DOI: 10.2501/S0021849906060491
- Amaral, J. R. (1967). *O teste de barragem de Toulouse e Piéron na medição e diagnóstico da atenção: elementos de aferição para a população portuguesa*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Bower, G. (1967). A multicomponent theory of the memory trace. In K.W. Spence and J. T. Spence (Eds.). *The psychology of learning and motivation* Vol.1, pp. 229-325. New York, NY: Academic Press. [https://doi.org/10.1016/S0079-7421\(08\)60515-0](https://doi.org/10.1016/S0079-7421(08)60515-0)
- Collins, A. M., & Loftus, E. F. (1975). A spreading-activation theory of semantic processing. *Psychological Review*, 82, 407–428. <http://dx.doi.org/10.1037/0033-295X.82.6.407>
- Dando, C., & Milne, R. (2009). The cognitive interview. In R. Kocsis (Ed.), *Applied criminal psychology: A guide to forensic behavioural sciences* (pp. 147–169). Sydney, NSW: Charles C. Thomas.
- Dando, C., Wilcock, R., & Milne, R. (2009). The cognitive interview: the efficacy of a modified mental reinstatement of context procedure for frontline police investigators. *Applied Cognitive Psychology*, 23, 138–147. <https://doi.org/10.1002/acp.1451>
- Davis, M. R., McMahon, M., & Greenwood, K. M. (2005). The efficacy of mnemonic components of the cognitive interview: Towards a shortened variant for time- critical investigations. *Applied Cognitive Psychology*, 19(1), 75-93. <https://doi.org/10.1002/acp.1048>
- Ferreira, C., Machado, M. e Menezes, A. R., (2008). WAIS-III : Escala de Inteligência de Wechsler para Adultos, 3ª Ed. *Adaptação para a População Portuguesa*. Lisboa : CEGOC-TEA.
- Field, A. (2000). *Discovering statistics using SPSS:(and sex, drugs and rock'n'roll)* Vol. 497. Sage.
- Fisher, R. P., & Geiselman, R. E. (1992). *Memory-enhancing techniques for investigative interviewing: The cognitive interview*. Springfield, IL: Charles C. Thomas.
- Fisher, R. P., McCauley, M. R., & Geiselman, R. E. (1994). Improving eyewitness testimony with the cognitive interview. <http://dx.doi.org/10.1017/CBO9780511759192.013>
- Fisher, R. P., & Schreiber, N. (2017). Interview protocols to improve eyewitness memory. *In The Handbook of Eyewitness Psychology: Volume I* (pp. 53-80). Psychology Press.
- Flexser, A. J., & Tulving, E. (1978). Retrieval independence in recognition and recall. *Psychological Review*, 85, 153-172. <http://dx.doi.org/10.1037/0033-295X.85.3.153>
- Gabbert, F., Hope, L., & Fisher, R. P. (2009). Protecting eyewitness evidence: Examining the efficacy of a self-administered interview tool. *Law and human behavior*, 33(4), 298-307. <https://doi.org/10.1007/s10979-008-9146-8>

- Gawrylowicz, J., Memon, A., & Scoboria, A. (2014). Equipping witnesses with transferable skills: the Self-Administered Interview©. *Psychology, Crime & Law*, 20(4), 315-325. <https://doi.org/10.1080/1068316X.2013.777961>
- Geiselman, R. E., Fisher, R. P., Firstenberg, I., Hutton, L., Sullivan, S. J., Avetissian, I. V., & Prosk, A. L. (1984). Enhancement of eyewitness memory: An empirical evaluation of the cognitive interview. *Journal of Police and Science Administration*, 12, 74–80.
- Geiselman, R. E., Fisher, R. P., MacKinnon, D. P., & Holland, H. L. (1986). Enhancement of eyewitness memory with the cognitive interview. *The American Journal of Psychology*, 385-401. DOI: 10.2307/1422492
- Hope, L., Gabbert, F., & Fisher, R. P. (2011). From laboratory to the street: Capturing witness memory using the Self- Administered Interview. *Legal and criminological psychology*, 16(2), 211-226. <https://doi.org/10.1111/j.2044-8333.2011.02015.x>
- Kimura, D. (1985, November). Male brain, female brain: The hidden difference. *Psychology Today*, pp. 50-58.
- Kemp, R. I., Paterson, H. M., & Yu, A. (2016). Comparing the Enhanced Cognitive Interview and the Self-Administered Interview (working title). Manuscript in preparation.
- Krix, A. C., Sauerland, M., Raymaekers, L. H., Memon, A., Quaedflieg, C. W., & Smeets, T. (2016). Eyewitness evidence obtained with the Self- Administered Interview© is unaffected by stress. *Applied Cognitive Psychology*, 30(1), 103-112. <https://doi.org/10.1002/acp.3173>
- Lin, F. R., Niparko, J. K., & Ferrucci, L. (2011). Hearing loss prevalence in the united states. *Archives of Internal Medicine*, 171(20), 1851-1853. doi:10.1001/archinternmed.2011.506
- McFadden, D., 2009. Masculinization of the mammalian cochlea. *Hear. Res.* 252, 37–48. <https://doi.org/10.1016/j.heares.2009.01.002>.
- Mackay, T. L., & Paterson, H. M. (2015). How does timing of recall affect eyewitness memory and psychological distress?. *Journal of Police and Criminal Psychology*, 30(4), 242-253. <https://doi.org/10.1007/s11896-014-9156-z>
- Manning, J. R., & Kahana, M. J. (2012). Interpreting semantic clustering effects in free recall. *Memory*, 20, 511–517. <https://doi.org/10.1080/09658211.2012.683010>
- Marôco, J. (2014). *Análise estatística com o SPSS statistics (6ª ed.)*. Pero Pinheiro: Report Number.
- Marôco, J. (2018). *Análise Estatística com o SPSS Statistics (7th ed.)*. Pêro Pinheiro: Report Number.
- Marôco, J. e Bispo, R. (2005). Estatística Aplicada às Ciências Sociais e Humanas. *Manuais Universitários*. Climepsi Editores, Lisboa.
- McMahon, M. (2000). The effect of the enhanced cognitive interview on recall and confidence in elderly adults. <https://doi.org/10.1080/13218710009524968>

- Memon, A., Meissner, C. A., & Fraser, J. (2010). The Cognitive Interview: A meta-analytic review and study space analysis of the past 25 years. *Psychology, public policy, and law*, 16(4), 340.
- Orbach, Y., & Lamb, M. E. (2001). The relationship between within-interview contradictions and eliciting interviewer utterances. *Child Abuse and Neglect*, 25, 323–333. [https://doi.org/10.1016/S0145-2134\(00\)00254-4](https://doi.org/10.1016/S0145-2134(00)00254-4)
- Paulo, R. M., Albuquerque, P. B., & Bull, R. (2013). The enhanced cognitive interview: Towards a better use and understanding of this procedure. *International Journal of Police Science & Management*, 15 (3), 190-199. <https://doi.org/10.1350/ijps.2013.15.3.311>
- Paulo, R. M., Albuquerque, P. B., & Bull, R. (2014). A Entrevista Cognitiva Melhorada: Pressupostos teóricos, investigação e aplicação. *Psicologia*, 28 (2), 21-30.
- Paulo, R. M., Albuquerque, P. B., & Bull, R. (2016). Improving the enhanced cognitive interview with a new interview strategy: Category clustering recall. *Applied Cognitive Psychology*, 30(5), 775–784. <https://doi.org/10.1002/acp.3253>
- Paulo, R. M., Albuquerque, P. B., Vitorino, F., & Bull, R. (2017). Enhancing the cognitive Interview with an alternative procedure to witness-compatible questioning: Category clustering recall. *Psychology, Crime & Law*. <https://doi.org/10.1080/1068316X.2017.1351966>
- Pfeil, K. (2018). *The Effectiveness of the Self-Administered Interview©-A Meta-Analytic Review and Empirical Study with Older Adult Witnesses* (Doctoral dissertation, University of Cambridge). <https://doi.org/10.17863/CAM.22056>
- Poole, D. A., & Lamb, M. E. (1998). Investigative interviews of children: A guide for helping professionals. Washington, DC: *American Psychological Association*. <http://dx.doi.org/10.1037/10301-000>
- Rand Corporation (1975). The criminal investigative process. Vols. 1-3. *Rand Corporation Technical Report R-1777-DOJ*. Santa Monica, CA.
- Robinson-Riegler, B., & Robinson-Riegler, G. (2016). Cognitive psychology: Applying the science of the mind. *Pearson*.
- Sharot, T., & Phelps, E. A. (2004). How arousal modulates memory: Disentangling the effects of attention and retention. *Cognitive, Affective, & Behavioral Neuroscience*, 4(3), 294-306. <https://doi.org/10.3758/CABN.4.3.294>
- Shaughnessy, J. J., Zechmeister, J. S., & Zechmeister, E. B. (2005) *Research methods in Psychology* (7th Edition). New York: McGraw-Hill.
- Thorley, C. (2018). Enhancing individual and collaborative eyewitness memory with category clustering recall. *Memory*, 26(8), 1128–1139. <https://doi.org/10.1080/09658211.2018.1432058>

- Toulouse, E., Vaschide, N., & Piéron, H. (1904). *Technique de Psychologie Expérimentale* [Technic of Experimental Psychology].
- Tulving, E. (1974). Cue-dependent forgetting. *American Scientist*, 62, 74-82.
- Tulving, E. (1991). Concepts of human memory. In L. R. Squire, N. M. Weinberger, G. Lynch, & J. L. McGaugh (Eds.), *Memory: Organization and Locus of Change* (edn, pp. 3 – 32). New York: Oxford University Press.
- Tulving, E., & Thomson, D. M. (1973). Encoding specificity and retrieval processes in episodic memory. *Psychological Review*, 80, 352-373. <http://dx.doi.org/10.1037/h0020071>
- Vrij, A., Mann, S. A., Fisher, R. P., Leal, S., Milne, R., & Bull, R. (2008). Increasing cognitive load to facilitate lie detection: The benefit of recalling an event in reverse order. *Law and human behavior*, 32(3), 253-265. <https://doi.org/10.1007/s10979-007-9103-y>
- Wechsler, D. (1997) Wechsler Adult Intelligence Scale. 3rd Edition, *The Psychological Corporation*, San Antonio.

# Anexos

## **Anexo 1- Consentimento Informado**

Entrevistar as testemunhas de forma eficaz é um aspeto crucial nas investigações policiais, com o desejo de conseguir testemunhos o mais precisos possível (Paulo et al., 2013; Fisher, 2010). Técnicas de entrevista inadequadas podem afetar negativamente a recordação exata, resultando em testemunhos pobres (Milne and Bull, 1999).

Este estudo pretende perceber investigar como é que as diferentes estratégias de evocação da memória interferem na forma como se recupera a memória episódica. A recuperação da memória será medida pelo número de unidades corretas de informação recuperadas. Se no caso de aceitar e decidir participar, será solicitado a assistir a um vídeo de crime não violento, com duração não superior a três minutos. Será entrevistado individualmente, presencialmente, após uma hora será solicitado a lembrar-se do máximo possível sobre o vídeo visualizado. A entrevista será gravada em áudio ou registada através de uma escala de autopreenchimento e não durará mais do que dez minutos. As gravações serão anónimas através da atribuição de números, e os dados serão encriptados para assegurar que os dados serão identificáveis.

Antes da visualização do vídeo, ser-lhe-á solicitado que realize uma tarefa que pretende medir a sua compreensão verbal e outra tarefa que pretende medir a sua atenção. Mais tarde serão comparados os resultados dessas mesmas tarefa com as unidades de informação recuperadas sobre o vídeo que assistiu, com o intuito de estabelecer uma relação entre as variáveis.

Os dados recolhidos do estudo serão armazenados de forma segura num computador protegido por uma senha. As conclusões do presente estudo serão disponibilizadas mediante solicitação no final do projeto de investigação. Se estiver interessado(a) nos resultados, pedimos que nos informe numa das suas visitas ou em alternativa que envie um e-mail para [deborapaixao94@gmail.com](mailto:deborapaixao94@gmail.com).

Exigimos que tenha entre os 18-30 anos. Não será elegido a participar se tiver testemunhado um crime e conseqüentemente entrevistado pela polícia. Se tiver experienciado um assalto ou esteve próximo de um, não está qualificado a participar. Para além disto, se sentir que pode experienciar desconforto ao assistir a um vídeo de crime não violento ou por qualquer outra razão e se quiser retirar a qualquer momento, poderá fazê-lo sem prestar qualquer justificação. Obrigada.

Consentimento Informado - Aperfeiçoando testemunhos, através da comparação de diferentes estratégias de recuperação de memória.

1. Li e expliquei para mim, a ficha de acompanhamento referente ao projeto de investigação sobre o aprimoramento de testemunhos, por meio da comparação de diferentes estratégias de recuperação de memória.

2. Li e foi-me explicada toda a informação anexa à investigação sobre a melhoria de testemunhos, através da comparação de diferentes estratégias de recuperação de memória.

3. Li e entendi por que sou elegível para participar neste estudo.

4. Compreendi os objetivos do estudo, bem como, o objetivo da minha participação. Concordo com os critérios descritos, e a sua relação com a minha participação neste estudo.

5. Compreendo que posso desistir a qualquer momento.

6. Compreendo que os dados recolhidos podem ser publicados de forma conjunta e/ou anónima.

7. Foi-me entregue uma cópia deste consentimento informado, bem como da informação anexa.

8. Compreendo que a entrevista será gravada e que a minha participação será anónima.

Nome do Participante:

Nome do Investigador:

Data:

Data:

Assinatura:

Assinatura:

Nome do/a Orientador/a da Dissertação de Mestrado:

Data:

Assinatura:

No final da participação - A melhoria do testemunho através da comparação de diferentes estratégias de recuperação da memória.

Obrigada por participar neste estudo.

O principal objetivo deste estudo foi investigar como é que as diferentes estratégias de evocação da memória interferem na forma como se recupera a memória episódica. Em especial o número de informações corretas que recorda. A estratégia de evocação de memória utilizada foi a Recuperação por Categorias e a Self-Administered Scale. Um dos motivos para a investigação nesta área deve-se ao papel crucial da testemunha numa investigação policial, sendo que a forma como a testemunha recorda o episódio deve ser o mais fidedigno possível. Técnicas de entrevista inadequadas podem influenciar a forma como a testemunha recorda o episódio presenciado. Se por algum motivo decidir que não deseja mais que os seus dados sejam incluídos neste estudo, sinta-se à vontade para retirá-los entrando em contacto com Débora Paixão. Qualquer informação sua que tenha sido recolhida será mantida em sigilo e em anónimo sendo disponibilizada apenas ao investigador e ao orientador da Dissertação de Mestrado. Todos os nomes serão removidos antes da publicação final ser disponibilizada. Se tiver sido afetado(a) por alguma questão levantada neste estudo e gostaria de conversar com alguém sobre as mesmas ou se tiver alguma reclamação sobre os aspetos éticos deste estudo, por favor contacte Débora Paixão (deborapaixao94@gmail.com) e/ou Professora Telma Almeida (telma.almeida@ispa.pt)




Se quiser mais informações ou tiver alguma questão sobre qualquer aspeto do estudo, por favor sinta-se à vontade para contactar Débora Paixão e/ou Telma Almeida.

Email Débora Paixão: [deborapaixao94@gmail.com](mailto:deborapaixao94@gmail.com)

Email Prof. Telma Almeida: [telma.almeida@ispa.pt](mailto:telma.almeida@ispa.pt)

## Anexo 2- Escala Verbal de Inteligência para adultos de Wechsler (WAIS-III)




### 2.Vocabulário

 <b>Regra de Retrocesso</b>		 <b>Crifério de Interrupção</b>	 <b>Cotação</b>
Se o sujeito obtiver a cotação de 0 ou 1 ponto nos Itens 4 ou 5, aplicar os itens precedentes (Itens 1 a 3) em <b>sentido inverso</b> , até que alcance a cotação máxima (2 pontos) em 2 itens consecutivos.		Após <b>6 insucessos</b> consecutivos (itens cotados com 0 pontos).	Todos os itens são cotados com 0, 1 ou 2 pontos.
Item	Resposta	Cotação (0, 1 ou 2)	
1. Cama			
2. Pequeno-almoço			
3. Euro			
4. Inverno			
5. Barco			
6. Concluir			
7. Reparar			
8. Consumir			
9. Serenidade			
10. Diferente			
11. Reunir			
12. Remorso			
13. Gerar			
14. Ontem			
15. Santuário			
16. Confidencial			
17. Ponderar			
18. Compaixão			

19. Evoluir	
20. Balada	
21. Sociedade	
22. Sentença	
23. Designar	
24. Moralidade	
25. Audacioso	
26. Declamar	
27. Plagiar	
28. Contenda	
29. Renitente	
30. Discernir	
31. Tangível	
32. Épico	
33. Intrínsecos	

**Pontuação Total Obtida**  
 Somar cotações a partir do Item 1.  
 (Máximo = 66)

## 4. Semelhanças



 <b>Regra de Retrocesso</b>	 <b>Critério de Interrupção</b>	 <b>Cotação</b>
Se o sujeito obtiver a cotação de 0 ou 1 ponto nos Itens 6 ou 7, aplicar os itens precedentes (Itens 1 a 5) em <b>sentido inverso</b> , até que alcance sucesso em 2 itens consecutivos.	Após <b>4 insucessos</b> consecutivos (itens cotados com 0 pontos).	<b>Itens 1 a 5:</b> 0 ou 1 ponto; <b>Itens 6 a 19:</b> 0, 1 ou 2 pontos.

Item	Resposta	Cotação (0 ou 1)
1. Meias-Sapatos		
2. Casaco-Camisa		
3. Garfo-Colher		
4. Cão-Leão		
5. Amarelo-Verde		
6. Laranja-Banana*		(0, 1 ou 2)
7. Barco-Carro		
8. Piano-Tambor		
9. Tristeza-Alegria		
10. Mesa-Cadeira		
11. Olho-Ouvido		
12. Mosea-Árvore		
13. Ovo-Semente		
14. Vapor-Nevoeiro		
15. Poema-Estátua		
16. Democracia-Ditadura		
17. Trabalho-Jogo		
18. Hibernação-Migração		
19. Inimigo-Amigo		

\* Se o sujeito der uma resposta de 0 ou 1 ponto, fornecer um exemplo de uma resposta de 2 pontos.

**Pontuação Total Obtida**  
(Máximo = 33)



## 6. Aritmética

 <b>Regra de Retrocesso</b>	 <b>Crifério de Interrupção</b>	 <b>Cotação</b>
Se o sujeito obtiver a cotação de 0 pontos nos Itens 5 ou 6, aplicar os itens precedentes (Itens 1 a 4) em <b>sentido inverso</b> , até que alcance sucesso em 2 itens consecutivos.	Após <b>4 insucessos</b> consecutivos (itens cotados com 0 pontos).	<b>Itens 1 a 18:</b> 0 ou 1 ponto; <b>Itens 19 e 20:</b> 0, 1 ou 2 pontos.

Item	Tempo Limite	Tempo Despendido	Resposta Correcta	Resposta	Cotação	Item	Tempo Limite	Tempo Despendido	Resposta Correcta	Resposta	Cotação
1. 3 Cubos	15"		3		0 1	12. Ovos	60"		€ 0.30 30 cêntimos		0 1
2. 7 Cubos	15"		7		0 1	13. Valor médio	60"		10		0 1
3. 5 Cubos	15"		5		0 1	14. Azeite	60"		14.50 L		0 1
4. Maçãs	15"		2		0 1	15. Teatro	60"		600		0 1
5. Livros	15"		9		0 1	16. Viagem	60"		43 Km/h		0 1
6. Água	15"		4 L		0 1	17. Mel	60"		51 L		0 1
7. Refriacantes	30"		5		0 1	18. T-shirts	60"		€ 186		0 1
8. Bombons	30"		150		0 1	19. Probabilidades	60"		5 em 20 1 em 4 25 %		11"- 60" 1"- 10" 0 1 2
9. Borrachas	30"		€ 3.60		0 1	20. Costureiras	120"		96		11"- 120" 1"- 10" 0 1 2
10. Caminhada	30"		8 h		0 1						
11. Corrida	30"		10.5 Km 10.500 m		0 1						

**Pontuação Total Obtida**  
(Máximo = 22)

## 8. Memória de Dígitos

 <b>Critério de Interrupção</b> Sentido Directo e Sentido Inverso
Após insucesso em ambos os ensaios de um mesmo item.
 <b>Cotação</b>
- Por Ensaio: 0 ou 1 ponto p <sup>o</sup> r cada repetição incorrecta ou correcta, respectivamente;
- Por Item: Ensaio 1 + Ensaio 2.

<b>Recomendações para o subteste Memória de Dígitos:</b>
- Administrar <b>ambos os ensaios de cada sequência</b> , mesmo que o sujeito alcance sucesso no Ensaio 1.
- Administrar Dígitos em Sentido Inverso, mesmo que o sujeito obtenha uma cotação de 0 na tarefa de Dígitos em Sentido Directo.
- Administrar o(s) exemplo(s) em Dígitos em Sentido Inverso.

	Dígitos em Sentido Directo (Ensaio Resposta)	Cotação por Ensaio (0 ou 1)	Cotação por Item (0, 1 ou 2)
Item 1	Ens. 1 1 - 7		
	Ens. 2 6 - 3		
Item 2	Ens. 1 5 - 8 - 2		
	Ens. 2 6 - 9 - 4		
Item 3	Ens. 1 6 - 4 - 3 - 9		
	Ens. 2 7 - 2 - 8 - 6		
Item 4	Ens. 1 4 - 2 - 7 - 3 - 1		
	Ens. 2 7 - 5 - 8 - 3 - 6		
Item 5	Ens. 1 6 - 1 - 9 - 4 - 7 - 3		
	Ens. 2 3 - 9 - 2 - 4 - 8 - 7		
Item 6	Ens. 1 5 - 9 - 1 - 7 - 4 - 2 - 8		
	Ens. 2 4 - 1 - 7 - 9 - 3 - 8 - 6		
Item 7	Ens. 1 5 - 8 - 1 - 9 - 2 - 6 - 4 - 7		
	Ens. 2 3 - 8 - 2 - 9 - 5 - 1 - 7 - 4		
Item 8	Ens. 1 2 - 7 - 5 - 8 - 6 - 2 - 5 - 8 - 4		
	Ens. 2 7 - 1 - 3 - 9 - 4 - 2 - 5 - 6 - 8		

**Total Dígitos em Sentido Directo**  
(Máximo = 16)

	Dígitos em Sentido Inverso (Ensaio Resposta)	Cotação por Ensaio (0 ou 1)	Cotação por Item (0, 1 ou 2)
Item 1	Ens. 1 2 - 4		
	Ens. 2 5 - 7		
Item 2	Ens. 1 6 - 2 - 9		
	Ens. 2 4 - 1 - 5		
Item 3	Ens. 1 3 - 2 - 7 - 9		
	Ens. 2 4 - 9 - 6 - 8		
Item 4	Ens. 1 1 - 5 - 2 - 8 - 6		
	Ens. 2 6 - 1 - 8 - 4 - 3		
Item 5	Ens. 1 5 - 3 - 9 - 4 - 1 - 8		
	Ens. 2 7 - 2 - 4 - 8 - 5 - 6		
Item 6	Ens. 1 8 - 1 - 2 - 9 - 3 - 6 - 5		
	Ens. 2 4 - 7 - 3 - 9 - 1 - 2 - 8		
Item 7	Ens. 1 9 - 4 - 3 - 7 - 6 - 2 - 5 - 8		
	Ens. 2 7 - 2 - 8 - 1 - 9 - 6 - 5 - 3		

**Total Dígitos em Sentido Inverso**  
(Máximo = 14)

**Pontuação Total Obtida**  
Dígitos em Sentido Directo + Dígitos em Sentido Inverso  
(Máximo = 30)

## 9. Informação



### Regra de Retrocesso

Se o sujeito obtiver a cotação de 0 pontos nos Itens 5 ou 6, aplicar os itens precedentes (Itens 1 a 4) em **sentido inverso**, até que alcance sucesso em 2 itens consecutivos.



### Critério de Interrupção

Após **6 insucessos** consecutivos (itens cotados com 0 pontos).






### Cotação

Todos os itens são cotados com 0 ou 1 ponto.

Item	Resposta	Cotação (0 ou 1)
1. Sábado		
2. Bola		
3. Ano		
4. Meses		
5. Termómetro		
6. Lusíadas		
7. Pôr-do-sol		
8. Sahara		
9. Leonardo da Vinci		
10. Jogos Olímpicos		
11. Venezuela		
12. Ferver água		
13. Semanas		
14. Corão		
15. Cleópatra		
16. T. da Relatividade		
17. Continentes		
18. Livro do Génesis		
19. Mahatma Gandhi		
20. CEE		
21. Suécia		
22. Grupos sanguíneos		
23. Catarina 'a Grande'		
24. Divina Comédia		
25. Marie Curie		
26. Poderes constitutivos		
27. Velocidade da luz		
28. Habitantes		

**Pontuação Total Obtida**  
(Máximo = 28)

# 11. Compreensão

 <b>Regra de Retrocesso</b>	 <b>Critério de Interrupção</b>	 <b>Cotação</b>
Se o sujeito obtiver a cotação de 0 ou 1 ponto nos Itens 4 ou 5, aplicar os itens precedentes (Itens 1 a 3) em <b>sentido inverso</b> , até que alcance sucesso em 2 itens consecutivos.	Após <b>4 insucessos</b> consecutivos (itens cotados com 0 pontos).	<b>Itens 1 a 3:</b> 0 ou 1 ponto; <b>Itens 4 a 18:</b> 0, 1 ou 2 pontos.

Item	Resposta	Cotação (0 ou 1)
1. Relógio		
2. Roupa		
3. Dinheiro		
4. Tecnologia		
5. Alimentação		
6. Trabalho remunerado		
7. Saúde		
8. Seguros		
9. Espaço pessoal		
10. Família		
11. Identidade pessoal		
12. Trabalho		
13. Seguros		
14. Trabalho, de trabalho		
15. Água		
16. Família		
17. Tecnologia		
18. Trabalho		

\* Se a resposta do sujeito reflectir apenas um dos princípios listados, solicitar uma segunda resposta, recorrendo ao seguinte questionamento: "Diga-me uma outra razão pelo qual...".

Pontuação Total - Obtida  
Apesar cotação a partir do item 1.  
(Máximo = 33)

### Anexo 3- Teste de Atenção Toulouse-Piéron

PD	
PC	
PT	
GN	

## TOULOUSE PIÉRON

Nome: ..... Idade: .....

Sexo: .....

Escolaridade: ..... D.O.: .....

### INSTRUÇÕES

Marque o mais rapidamente possível todos os sinais que sejam iguais aos indicados a seguir.



NÃO VOLTE A PÁGINA ATÉ QUE LHE SEJA INDICADO



A dense grid of text, likely a form or a data table, consisting of many rows and columns of small characters. The text is too small to be legible but appears to be a structured layout of information.

n		N.º de filas realizadas
R		N.º total de marcas
p		
O		

P		Total de posibilidades $10 \cdot (n-1) + p$
A		P-O
E		R-A
P.D.		$A - (E+O)$

#### **Anexo 4- Protocolo Recuperação por Categorias**

O nosso objetivo é ajudá-lo a lembrar-se do máximo de informação possível acerca do vídeo que visualizou há um dia atrás.

Gostaria que me contasse tudo o que se lembra acerca do vídeo, com o máximo de detalhe possível. Por exemplo, pode descrever este objeto (garrafa). Por favor diga-me tudo o que se lembra, mesmo os detalhes que lhe possam parecer irrelevantes ou que apenas se lembre parcialmente. Algumas pessoas omitem informação que acreditam não ser importante para a entrevista. No entanto, eu estou interessado(a) em tudo aquilo que lhe vier à cabeça. Mesmo os mais pequenos detalhes podem ser muito importantes.

Não se preocupe caso não se consiga lembrar de algo. É normal isso acontecer e basta dizer que não se lembra em vez de tentar adivinhar ou supor informação. Terá todo o tempo que precisar, por isso não se preocupe em levar muito tempo a pensar no vídeo ou a relatar a informação.

Apesar de eu ter conduzido a entrevista até agora, irei parar dentro de momentos. Vou-lhe pedir que me diga tudo o que se lembra acerca do vídeo, sem interrupções. Pode fazer uma pausa a qualquer momento se quiser. Estarei aqui para ajudá-lo sempre que precisar. OK?

Gostaria de ajudá-lo a lembrar-se do máximo de informação possível e, para tal, vou-lhe pedir que faça uma pequena tarefa que, por norma, ajuda as pessoas a lembrarem-se de mais detalhes. Vou-lhe pedir que me conte tudo o que se lembra acerca do vídeo, mas abordando uma categoria de informação de cada vez, ou seja, separadamente. Não se preocupe, pois irei ajudá-lo a recordar-se de quais são estas categorias caso necessite. Alguma dúvida?

Gostaria também que fechasse os olhos e tentasse imaginar a cena do crime na sua mente antes de iniciar o relato. Por favor mantenha os olhos fechados durante toda a entrevista pois isso poderá ajudá-lo a manter a concentração e a formar uma imagem mais clara do crime na sua mente. OK? (ver se alguém tem algum problema com isto)

OK, vou então pedir-lhe que feche os olhos...

- Primeiro, Pense no que estava a fazer no dia em que viu o vídeo antes de vir para a experiência...

- Pense agora em como se estava a sentir quando entrou na sala para participar na experiência...

- Tente lembrar-se do computador e ecrã onde visualizou o vídeo ... e finalmente foque-se no vídeo que visualizou...

- Pense em todos os objetos e detalhes das cenas do crime que visualizou. Por exemplo os objetos que os personagens tinham... o local onde foi encontrado o corpo... o local onde foi abandonado o corpo .... A floresta onde o corpo foi transportado ... e a estrada que visualizou depois de o corpo ter sido abandonado....

- Pense agora nas pessoas que estavam presentes no vídeo... a sua aparência... o seu vestuário...

- Pense nas ações que ocorreram. Por exemplo gestos ou comportamentos que foram exibidos...

- Os sons e conversas que ouviu na cena.... Por exemplo um diálogo que ouviu (...) ou outros sons que possa ter ouvido ...

E quando estiver pronto e tiver uma imagem clara da cena do crime na sua mente, diga-me tudo o que se lembra, mantendo o ritmo que preferir e focando-se em relatar o máximo de detalhes possíveis acerca das várias categorias e tipos de informação que falámos focando-se numa categoria de informação de cada vez: pessoas, objetos, ações, e informação auditiva (por exemplo diálogos ou qualquer outro som que tenha ouvido). Por favor mantenha os olhos fechados durante este exercício. Não se preocupe pois irei ajudá-lo a recordar-se de quais são estas categorias caso necessite. Pode então começar a relatar o que se lembra começando pela categoria que preferir, e com o nível de detalhe que utilizei para descrever, anteriormente, a garrafa.

Ok, mais alguma coisa que se consiga lembrar?

FIM

Muito obrigada pela sua cooperação e tempo.

## Anexo 5- Self-Administered Interview

### Secção A: O que aconteceu?

#### **Por Favor leia a informação que se segue e siga as instruções**

Antes de reportar qualquer memória do evento neste protocolo, tire alguns momentos para imaginar na sua mente onde estava, o que viu, o que estava a pensar e como se estava a sentir naquele momento.

#### **Porque é que deve fazer isto?**

Pensar sobre o evento antes de escrever as suas memórias vai ajudar a que se lembre de mais detalhes.

#### **O que deve fazer agora?**

Tire o seu tempo para se concentrar e visualizar o que aconteceu, na sua mente.

Pense nas seguintes questões:

Onde estava

O que estava a fazer

Com quem estava

Como se estava a sentir

O que estava a acontecer

Quem esteve envolvido

O que conseguiu ver

O que conseguiu ouvir

Fechar os olhos enquanto relembra o evento pode ajudar.

**Quando conseguir lembrar-se do evento na totalidade, por favor continue a preencher este protocolo.**

#### **Por Favor leia a informação que se segue e siga as instruções**

No espaço que lhe é fornecido, escreva tudo o que se consegue lembrar acerca do evento e das pessoas envolvidas.

Escreva estas informações como se recorda. Não tem problema se se lembrar de informações fora da ordem em que estas aconteceram.

Não deixe de fora nenhum detalhe mas **não tente adivinhar** os detalhes que não se consegue lembrar.

Sinta-se à vontade para usar frases completas ou tópicos – mas, por favor, certifique-se que o seu relato é tão **completo e preciso** quanto possível.

**Lembre-se: Por favor, complete este protocolo sozinho, sem recorrer a ajudas de outros. Estamos interessados apenas nas suas memórias do evento.**

Pode escrever o seu relato aqui:

(Se precisar de mais espaço para escrever o seu relato, por favor, peça uma folha extra)

## Secção B: Quem cometeu o crime?

### Por Favor leia a informação que se segue e siga as instruções

Por favor forneça tantos detalhes quanto conseguir acerca da pessoa que cometeu o crime ou esteve envolvida no incidente. Se havia mais do que uma pessoa, comece com a pessoa que conseguiu ver melhor ou que se recorda melhor.

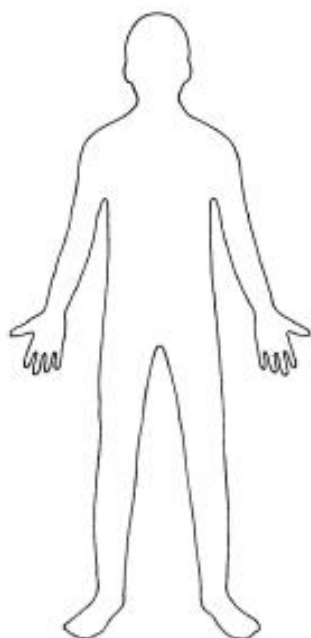
Se já relatou esta informação noutra parte deste protocolo, tire uns momentos para pensar se existem outros detalhes que se recorde agora.

Se possível, providencie a seguinte informação acerca de cada pessoa. **Não adivinhe informação** sobre o que não tiver a certeza.

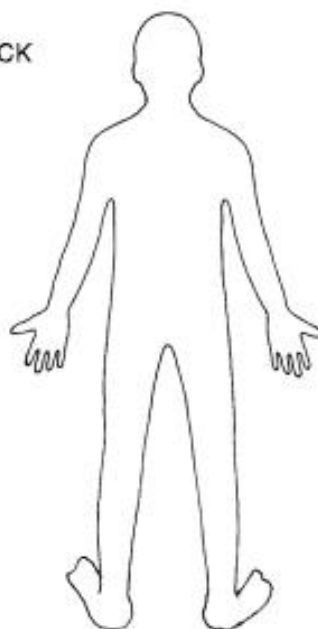
Género	Idade aproximada	Peso
Origem étnica	Estatura	Olhos/ouvidos/boca/nariz/etc.
Cor do cabelo	Pêlos faciais	Óculos
Roupa/sapatos	Sotaque	Cicatrices/marcas/tatuagens
Jóias	Acessórios	Outros detalhes não referidos

Se quiser, pode usar as figuras que se seguem e adicionar outras informações. Pode escrever/ou desenhar nas figuras para mostrar detalhes ou informações adicionais (p. exemplo: posição das pessoas ou acessórios, etc.)

FRONT



BACK



Forneça a descrição das pessoas envolvidas aqui:

A large, empty rectangular box with a thin black border, intended for the user to provide descriptions of the people involved in the project or study.

### Secção C: A cena do crime

#### **Por Favor leia a informação que se segue e siga as instruções**

Fazer um desenho da cena do crime pode ajudar a que se recorde de mais detalhes – e a que forneça informação adicional sobre o evento.

Por favor use o espaço que se segue para desenhar o cenário do evento como se recordar do mesmo, caso precise de mais espaço por favor peça uma folha extra.

Deve incluir detalhes de onde se encontrava e onde se encontravam outras pessoas. Pode usar setas para indicar o seu movimento ou o de outras pessoas que tenha visto.

Pode usar notas no seu desenho de modo a indicar características da cena do crime ou para indicar se não tiver certezas de alguma informação.

**Esta secção não é um teste às suas capacidades para desenhar – estamos apenas interessados no aspecto da cena do crime como aquilo que viu ou onde estava.**

Faça aqui o seu desenho:

**Secção D: Estavam outras pessoas presentes que viram o que aconteceu?**

Por favor providencie a descrição de outras pessoas que estavam presentes e quem poderá também ter visto o que aconteceu mas que não estejam envolvidas no acontecimento (isto é, outras potenciais testemunhas).

Faça aqui a sua descrição:

**Secção E: Haviam veículos envolvidos no acontecimento?**

**SIM** (Complete esta secção)

**Não** (Passe para a secção F)

**Por Favor leia a informação que se segue e siga as instruções**

Por favor forneça tantos detalhes quanto conseguir acerca dos veículos envolvidos no acontecimento.

Se já relatou esta informação noutra parte deste protocolo, tire uns momentos para pensar se existem outros detalhes que se recorde agora.

Se possível, providencie a seguinte informação acerca de cada pessoa. Não adivinhe informação sobre o que não tiver a certeza.

Tamanho	Formato	Cor
Marca/modelo	Número de portas	Matrícula
Tipo de condução	Velocidade aproximada	Outros detalhes

Comece aqui:

**Secção F: Quão bem lhe foi possível ver o acontecimento?**

**Por favor responda às seguintes questões**

Durante quanto tempo presenciou o acontecimento?

Quais eram as condições climatéricas no momento do acontecimento?

Em que altura do dia aconteceu?

Existem obstruções à sua visão?

Existe alguma razão, em particular, para se lembrar do evento ou das pessoas envolvidas?

Conhecia ou já tinha tido contacto com alguma das pessoas envolvidas? (Se sim, onde e quando?)

Quanto tempo passou desde o acontecimento até ao preenchimento deste protocolo?

É, muitas vezes, importante obter uma descrição da testemunha e do seu vestuário no acesso às câmaras de vigilância, etc. Se acredita que esta informação é relevante, nestas circunstâncias, pode providenciar uma descrição de si próprio e daquilo que tinha vestido quando testemunhou o acontecimento?

**Secção G: Existe alguma outra informação acerca do acontecimento, que gostaria de deixar relatada e que ainda não lhe tenha sido questionada? Se sim, escreva essa informação no espaço que se segue.**

Escreva essa informação aqui:

Por favor devolva este protocolo a:

## Anexo 6- Codificação de Dados

	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J
1			Accuracy		Type of detail					
2	Time	Information	Correct	Incorrect	Person	Action	Object	Localization	Conversation	Sounds
3		Local com solo areoso	1					1		
4		Alguma vegetação	1				1			
5		Alguma vegetação rasteira	1				1			
6		Algumas árvores	1				1			
7		Algumas árvores de maior porte	1				1			
8		Torres electricas	1				1			
9		Dois Jovens 1	1		1					
10		Dois Jovens 2	1		1					
11		Colocam um saco na cabeça de uma 3ª pessoa	1			1				
12		saco	1			1				
13		3ª pessoa	1		1					
14		aparentemente morta	1		1					
15		Retiram a 3ª pessoa da bagageira de um carro	1			1				
16		Retiram a 3ª pessoa da bagageira de um carro	1					1		
17		carro 1	1				1			
18		transportam a 3ª pessoa	1			1				
19		agarrando mãos		1		1				
20		agarrando mãos e pés	1			1				
21		entram numa zona com mais arvores	1			1				
22		largam o morto	1			1				
23		discutem o que fazer com ele	1						1	

Figura 2- Cotação do relato de um participante em precisão e unidade de informação

## Anexo 7- Codificação de Dados

	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J
1	<b>Participantes</b>	<b>Details</b>			<b>Type of detail</b>					
2		Correct ▾	Incorrect ▾	Total ▾	Person ▾	Action ▾	Object ▾	Localization ▾	Conversation ▾	Sounds ▾
3	<b>1</b>	80	1	81	21	23	23	11	3	0
4	<b>2</b>	49	6	55	22	13	11	6	3	0
5	<b>3</b>	89	3	92	46	16	11	14	5	0
6	<b>4</b>	28	0	28	7	8	7	5	1	0
7	<b>5</b>	50	1	51	23	13	8	2	5	0
8	<b>6</b>	57	3	60	12	19	12	8	9	0
9	<b>7</b>	50	0	50	24	5	12	5	4	0
10	<b>8</b>	46	2	48	24	6	8	6	4	0
11	<b>9</b>	49	4	53	11	15	12	9	6	0
12	<b>10</b>	33	3	36	9	10	8	5	4	0
13	<b>11</b>	50	4	54	19	9	10	6	9	1
14	<b>12</b>	37	2	39	21	5	6	4	3	0
15	<b>13</b>	47	6	53	20	13	6	7	7	0
16	<b>14</b>	63	4	67	32	9	9	7	9	0
17	<b>15</b>	55	5	60	17	14	9	10	5	0
18	<b>16</b>	42	0	42	16	5	8	7	6	0
19	<b>17</b>	51	0	51	11	15	11	13	1	0
20	<b>18</b>	82	10	92	38	21	17	9	7	0
21	<b>19</b>	47	6	53	21	12	12	4	4	0
22	<b>20</b>	97	5	102	34	21	24	11	12	0

Figura 2- Cotação de totais de relato de vinte participantes